

SHERRILYN KENYON

o lado negro da lua

Tradução de Fernanda Semedo

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



CHÁ DA CINCO
Livros com sexto sentido



Para a pessoa mais importante da vida de qualquer escritor...
o leitor. Obrigada por empreenderem comigo esta viagem
ao reino do Predador da Noite.



Agradecimentos

A toda a equipa da SPM, pelo trabalho árduo que fazem nos meus livros. Não sei o que seria de mim sem vocês, nem quero descobrir.

Para a Monique que, sem dúvida, merece um prémio por ir muito acima e além da sua obrigação. Obrigada. E para a Merrilee, que não fazia ideia daquilo em que se estava a meter.

Acima de tudo, quero agradecer a todos os leitores e fãs que visitam o Dark-Hunter.com. É sempre uma alegria ver-vos. Para as minhas mulheres RBL, que conseguem sempre divertir e inspirar. E para os meus amigos, que me dão incentivo e força quando mais preciso: Janet, Brynna, Lo, Carl, Loretta e Christine.

Por último, mas certamente não menos importante, à minha família, o que inclui o meu irmão Steve, que queria ser citado. Amo-vos. Muito obrigada por fazerem da minha vida aquilo que é e por realizarem esta viagem comigo.



*Ele [o ravyn] é o pássaro do guerreiro na batalha, exulta com
o massacre e a carnificina.*

— BEOWULF



A ELETRICIDADE psíquica que sussurrava no ar só podia ser percebida por duas espécies de criaturas: uma determinada seita não-humana, ou humanos com os sentidos extremamente desenvolvidos.

Ravyn Kontis era, definitivamente, *não*-humano. Nascera no mundo dos predadores noturnos, que comandavam as magias ocultas da terra — as suas artes mais negras — e morrera como um dos seus mais rijos guerreiros.

Às mãos do próprio irmão.

Agora, Ravyn percorria a terra como algo diferente. Algo sem alma. Algo feroz e ainda mais mortífero do que antes. Não lhe restara qualquer coração. Nenhuma piedade ou compaixão. Nada, além de uma mágoa tão intensa, tão profunda, que dilacerara qualquer humanidade que pudesse ter, até não sobrar mais que uma besta feroz que, ele sabia, não voltaria a ser domada.

Inclinando a cabeça para trás, soltou o grito da besta enfurecida que rugia dentro dele. Rodeava-o o fedor da morte, e o sangue dos seus inimigos cobria cada milímetro da sua carne humana. Escorria-lhe dos cabelos e da ponta dos pelos em riachos pegajosos que manchavam a terra pisada da batalha.

E, contudo, isto não chegava para apaziguar a ira que se albergava no seu íntimo.

A vingança serve-se fria...

Ele esperara, estupidamente, que isto acalmasse alguma da mágoa

paralisante que o dominava. Não acalmara. Deixara-o ainda mais frio que a traição que lhe causara a morte.

Ravyn estremeceu ao recordar o rosto belo de Isabeau. Embora ela fosse totalmente humana, tinham sido escolhidos como parceiros. Pensando que Isabeau o amava, confiara-lhe o segredo do seu mundo.

E qual fora a recompensa dela? Denunciara-o aos humanos do pequeno clã a que pertencia e estes tinham atacado as mulheres e as crianças do seu povo, enquanto os homens estavam fora, em patrulha.

Ninguém sobrevivera.

Ninguém.

Os homens do clã voltaram e encontraram os destroços ainda em brasa da aldeia... os corpos dispersos das mulheres e dos filhos.

E viraram-se contra ele. Não que os culpasse por isso. Foi a única vez na vida que não ripostou. Pelo menos, não antes do seu último fôlego.

Matraqueando-lhe no peito, a raiva fétida criara raízes e crescera até se transformar num monstro, alimentando a parte mais negra do seu ser não-humano. A sua alma humana clamara por vingança naqueles que haviam destruído o seu povo. O clamor angustiado do homem e da besta ecoara no templo sagrado de Ártemis, lá longe, no Monte Olimpo — tão ruidoso e exigente que convocara junto de si a própria deusa. E ali, sob a luz débil do quarto minguento, aceitara a proposta dela e vendera-lhe a alma em troca da única possibilidade de retribuir o favor a Isabeau e aos seus.

Agora estavam mortos, mortos às suas mãos... todos eles. Tal como ele. Tal como a sua família.

Tudo acabara...

Ravyn riu amargamente, cerrando os punhos ensanguentados. Não, não acabara. Isto era apenas o princípio.

Capítulo

UM

SEATTLE, 2006

RAPAZ COMIDO POR TRAÇAS ASSASSINAS

SUSAN Michaels resmungou ao ler o título escolhido para a sua última história. Sabia que era melhor não ler o resto do artigo mas, nesse dia, alguma coisa dentro de si tinha vontade de ser maltratada. Deus não permitisse que voltasse algum dia a ter orgulho no seu trabalho...

Criadas num laboratório na América do Sul, estas traças altamente secretas são a próxima geração de assassinos militares. São geneticamente concebidas para encontrarem o caminho para um covil inimigo, onde mordem os alvos no pescoço, infetando-os com um veneno concentrado, completamente indetetável, que mata a vítima no prazo de uma hora.

Estas traças fugiram do laboratório e foram vistas pela última vez dirigindo-se a norte, ao centro dos Estados Unidos. Mantenham-se atentos. Podem estar no vosso bairro em menos de um mês...

Santo Deus, era pior do que imaginara.

Com as mãos a tremer de raiva, levantou-se da secretária e foi direita ao gabinete de Leo Kirby. Como sempre, ele estava *online*, a ler o blogue de um idiota qualquer, tirando copiosos apontamentos.

Leo era um homem pequeno e magro, com cabelos pretos e compridos, sempre presos num rabo-de-cavalo. Tinha também uma barbicha, frios olhos cinzentos, que nunca riam, e a estranha tatuagem de uma teia de aranha na mão esquerda. Vestia uma *T-shirt* preta, largueirona, e calças de

ganga. Enquanto trabalhava, mantinha uma caneca de viagem gigante, do Starbucks, junto do cotovelo. Tinha trinta e poucos anos e seria giro se não fosse tão horrivelmente irritante.

— Traças assassinas? — perguntou-lhe.

Ele levantou os olhos do bloco de notas e encolheu os ombros.

— Disseste que íamos ter uma invasão de traças. Mandei a Joanie reescrever a história, para ficar mais comercial.

Ela abriu a boca num assombro total.

— A Joanie? Mandaste a *Joanie* reescrever a história? Aquela que usa papel de alumínio no sutiã para as pessoas com visão raios-X não lhe verem as mamas? *Essa* Joanie?

Ele não estremeceu nem hesitou.

— Pois, é a minha melhor redatora.

Acrescentava o insulto à injúria...

— Pensava que a tua melhor redatora era *eu*, Leo.

Suspirando pesadamente, Leo rodou a cadeira para a olhar de frente.

— Serias, se tivesses um pingo de imaginação — levantou dramaticamente as mãos, como que para ilustrar o seu argumento. — Vá lá, Sue, abraça a tua criança interior. Abraça o absurdo que vive entre nós. Pensa Ibsen — baixou as mãos e soltou outro suspiro cansado. — Mas tu nunca fazes isso, pois não? Mandei-te investigar aquele rapaz morcego que vive no campanário da igreja velha e voltaste com a história de uma infestação de traças nas vigas. Que diabo é isso?

Susan lançou-lhe um olhar divertido e cruzou os braços diante do peito.

— Chama-se realidade, Leo. Realidade. Devias largar os cogumelos o tempo suficiente para a experimentar.

Ele riu desdenhosamente da ideia e mudou para uma folha em branco no bloco de apontamentos. Pousou-o ao lado do café.

— Que se lixe a realidade. Isso não compra a comida do meu cão. Não me paga o *Porsche*. Não me paga as quecas. As tretas fazem-no... e eu gosto que seja assim.

Ela revirou os olhos ao ver o seu rosto radiante.

— És mesmo um sapo.

Ele deteve-se, como que atingido por uma ideia. Pegou no bloco e escreveu qualquer coisa rapidamente.

— «Empregada Beija Chefe Sapo e Descobre Um Antigo Príncipe Imortal»... , melhor ainda, um deus. Pois, um deus antigo — apontou-lhe a caneta —, um deus grego condenado a viver como escravo sexual das mulheres... agrada-me. Estás a imaginar? As mulheres de todo o país a beijar os chefes, para testar a teoria. — Voltou a olhá-la com um sorriso malicioso. — Experimentamos, para ver se resulta?

Ela fez-lhe uma careta de repugnância.

— Caramba, não! E isto não era um convite, Leo. Acredita em mim, mesmo com um milhar de beijos, continuarias a ser um sapo.

Leo ficou totalmente impassível, principalmente porque ambos se provocavam mutuamente desta forma desde os tempos em que frequentavam a universidade.

— Continuo a achar que devíamos tentar — franziu as sobrancelhas para ela.

Susan expirou, longa e exasperadamente.

— Sabes, levava-te a tribunal por assédio sexual, mas isso implicaria que alguma vez na vida tivesses tido, realmente, sexo, e pretendo manter a opinião de que és um exemplo perfeito do que acontece às pessoas demasiado frustradas sexualmente.

Isto voltou a pôr um olhar vítreo nos olhos dele, antes de recomeçar a escrevinhar.

— «Chefe Sexualmente Frustrado Transforma-se Em Louco Furioso. Arranca As Entranhas À Mulher Que o Excita.»

Susan emitiu um resmungo do fundo da garganta. Se não o conhecesse bem, pensaria que estava a ameaçá-la, mas isso implicaria uma ação real da parte dele, e Leo não passava de um perfeito delegador. A sua máxima fora sempre: para quê fazeres tu próprio, se podes contratar ou obrigar alguém a fazê-lo por ti.

— Leo, para de transformar tudo num título foleiro — antes que ele pudesse responder, acrescentou rapidamente — Já sei, já sei. Os títulos foleiros pagam-te o *Porsche*.

— Exatamente!

Enojada, esfregou a dor que lhe surgiu de repente por trás do olho direito.

— Olha, Sue — disse ele, como se sentisse uma invulgar onda de simpatia por ela. — Sei como estes últimos anos foram difíceis para ti, O.K.? Mas tu já não és repórter de investigação.

Sentiu um aperto no peito ao ouvir aquelas palavras. De facto, não precisava de as ouvir, visto que a assolavam a cada minuto, todos os dias. Dois anos e meio antes, era uma das mais importantes repórteres de investigação do país. O antigo chefe alcunhara-a de Sue, *Cão de Caça*, porque farejava uma história a uma milha de distância e seguia a pista no terreno até desvendar tudo.

E então, num momento de grande estupidez, todo o seu mundo se desfizera em pedaços à sua volta. Era tão voraz que se precipitou numa armadilha, destruindo por completo a sua reputação.

E isto quase lhe custara a vida.

Esfregou a cicatriz do pulso, esforçando-se por não recordar aquela horrível noite de novembro — o único momento da sua vida em que fora verdadeiramente fraca. Recuperara, porém, a consciência e jurara nunca mais permitir que alguém a fizesse sentir tão impotente. Fosse como fosse, esta era a sua vida e vivê-la-ia à sua maneira.

Se não fosse o Leo, que conhecera na universidade, quando tinham trabalhado no jornal do *campus*, nunca teria voltado a trabalhar em jornalismo. Não que trabalhar para o *Daily Inquisitor* pudesse alguma vez ser concebido como verdadeiro jornalismo mas, pelo menos, permitia-lhe pagar algumas das suas dívidas gigantescas e as custas de tribunal. E, embora odiasse o emprego, este mantinha-a alimentada e fora da rua. Isso devia ela ao sapinho.

Leo rasgou uma folha de papel e empurrou-a na direção dela.

— Que é isto? — perguntou ela, recolhendo-a da secretária.

— É um endereço Web. Há uma miúda universitária que dá pelo nome de Anjo Negro e que afirma trabalhar para os não-mortos.

Susan olhou-o fixamente. Pois... a sua vida era definitivamente um artigo com defeito e ela queria o seu dinheiro de volta — com juros.

— Uma vampira?

— Não exatamente. A rapariga diz que ele é um guerreiro metamorfo e imortal que a irrita imenso. Ela mora aqui, por isso quero que vás ver que mais terá para dizer. Depois, fazes-me o relatório completo.

Não, isto não podia estar a acontecer-lhe e, no entanto, aquela voz interior na sua cabeça já se estava a rir para ela.

— Metamorfo, *hum*? Isso foi antes ou depois de ela meter os ácidos?

Leo emitiu um ruído irritado.

— Porque não tentas, ao menos, entrar no espírito do trabalho? Sabes, na verdade não é mau de todo. De facto, até entretém bastante. Vive um bocadinho, Sue. Desiste do veneno. Desfruta.

Desfrutar... desfrutar de ser a boba da corte depois de ter trabalhado para o *Washington Post*... pois. Era difícil desfrutar daquela treta quando a única coisa que queria mesmo era recuperar a sua reputação.

Porém, esses dias tinham findado. Nunca voltaria a ser uma verdadeira repórter.

Era isso. A vida dela. Oh, alegria, alegria — a fada da má sorte tinha-a mesmo lixado.

Não, pensou ao sentir novamente o aperto no peito, não era verdade. Ela lixara-se a si mesma, e sabia disso. Desconsolada, virou-se e encaminhou-se para a sua secretária, olhando o endereço do blogue que tinha na mão.

É estúpido. Não faças isto. Nem sequer vás ao site...

Porém, pouco depois, fê-lo, e ali estava... uma página negra com

arte gótica desenhada à mão, num *website* chamado *www.deadjournal.com*. Mas, sem dúvida, a sua parte favorita só podia ser o título: *Meditações da Mente Negra e Retorcida de Uma Estudante Universitária Amaldiçoada*.

A rapariga, o Anjo Negro, era sem dúvida isso. As entradas mostravam a angústia típica de uma estudante média... que estava seriamente iludida e precisava de anos de terapia numa sala almofadada.

3 de Junho de 2006, 6h45 A.M.

Alguém, por favor, me dê um tiro. Por favor. Não consigo enfatizar suficientemente a parte do «por favor». Aqui estava eu, a tentar estudar para o teste de amanhã. Reparem na palavra «tentar». Aqui estou, envolvida nas complexidades da Matemática Babilónica, que não é nada envolvente, para dizer o mínimo, quando, de repente, o meu telemóvel toca e me prega um susto do caraças porque a casa estava ainda mais silenciosa do que um túmulo e, acreditem-me, já estive em túmulos e criptas suficientes para atestar o facto.

Ao princípio, estupidamente, pensei que era o meu pai a chatear-me, até que olhei melhor para o número, e não. Não era ele. Aqueles que têm lido o meu diário sabem que era o meu patrão porque, quem mais me telefonaria a esta hora infame e pensaria que não tenho vida além de servir cada um dos seus desejos e necessidades? A sério, sigam o meu conselho e nunca trabalhem para um imortal. Não têm qualquer espécie de respeito por aqueles de nós que têm vidas finitas.

Cinco e meia da manhã, aí está ele. Liga para me dizer que acabou de matar uma série de não-mortos (está bem, vampiros, mas detesto mesmo usar essa palavra porque atrai toda a espécie de lunáticos esquisitos que querem saber como podem, eles próprios, tornarem-se vampiros, e onde podem encontrar aqueles que conheço, o que não serviria para mais do que acabarem mortos, mas voltemos à minha reflexão original) e que eu tinha de ir buscá-lo visto ser quase madrugada e ele não conseguir voltar para casa antes de o Sol o transformar numa torrada. Vocês sabem que esta não é a maneira de me motivar, já que um patrão torrado = a um Anjo Negro feliz.

Foi aqui que argumentei que se ele fosse um metamorfo normal eu não teria de ir buscá-lo. Seria capaz de chegar a casa sem ajuda. Poderia teletransportar-se para casa. Mas, quando ele fez a negociata para se tornar imortal, essa capacidade foi-lhe

retirada, juntamente com a que lhe permitia viajar no tempo e a de andar como homem à luz do dia. E porque lhe foi isto retirado? Por uma razão. Para transformar a minha vida num inferno vivo de servidão, foi por isso.

Ah, e tenho de lhe levar roupa, porque o mais certo é encontrar-se em forma de gato no Pike's Market, que é a única maneira de estar à luz do dia sem se transformar numa criatura estaladiça (a sério). Então, quando voltar à forma humana estará nu e precisará de roupa — sim, para aqueles com mentes de sarjeta, ele é um deus musculoso, mas como eu o conheço desde sempre, é como ver o irmão nu — podemos dizer «uau»?!

Muito bem, isto chateia-me, mas vou porque ele me paga e, se eu não for, faz outra vez queixa de mim e mete-me em todo o género de sarilhos, de que não quero ouvir falar agora. Então, quando vou a butes até lá para recuperar aquela criatura patética, que encontro?

Sim, adivinharam. Nada, além de um par de sem-abrigos que me julgaram maluca, à procura do meu «gato», carregada de roupa de homem, que me fui lembrando lentamente que não serviria para nada, pois ele não podia voltar à forma humana enquanto eu não o levasse para casa. O grandessíssimo canalha e as suas brincadeiras. Uma praga de bexigas na cabeça. Melhor ainda, espero que apanhe pulgas (esperaria carraças, mas então, provavelmente, transmitia-me a doença de Lyme). Por isso, pulgas. Montes e montes de pulgas!

Tenho a certeza de que o idiota do Homem-Gato encontrou uma Barbie com quem dar uma, mas, caramba, não me podia ter telefonado a dizer? Não. Por isso, aqui estou, a emborcar expresso extracafeinado e a desejar manter-me acordada para o teste desta tarde. Obrigada, patrão. Apreciei. És o maior. Onde está a Recolha de Animais quando faz falta? Melhor ainda, arranjem-me um machado para eu lhe cortar a cabeça, e não me refiro à que tem em cima dos ombros.

Disposição: Lixada

Música: Everything About You: Ugly Kid Joe

Susan expirou fatigadamente ao mesmo tempo que esfregava a testa. Ah, pois. A rapariga precisava de um apoio profissional sério. Mas, que raio? Tinha mais que fazer que ir investigar o Homem-Gato Imortal de Pike's Market.

Encolheu-se a este pensamento.

— Agora, também estou a fazê-los... Títulos foleiros são connosco — resmungando, esfregou os olhos. — Sabem, se a minha vida fosse um cavalo, dava-lhe um tiro.

EM todos os lugares e em qualquer dia, os abrigos para animais nos Estados Unidos pareciam ter o mesmo cheiro pungente a antisséptico de limpeza misturado com pelo molhado. E, embora estivessem aquecidos, havia sempre uma aragem estranha, daquelas que penetravam diretamente nos ossos.

Hoje não era diferente. As jaulas dos gatos estavam alinhadas ao longo de duas paredes, onde alguns dos felinos dormiam, enquanto outros brincavam, comiam ou se lavavam.

Todos menos um.

Esse estava agachado, como que preparado para matar, e olhava tudo à sua volta com o intelecto agudo de um predador vicioso que contradizia o seu tamanho. Ele não era como os outros. Só um estúpido pensaria isso.

À primeira vista, parecia um vulgar gato-de-bengala, mas quando se olhava mais de perto, era óbvio que não ostentava as mesmas características faciais que definiam essa raça. De facto, parecia quase um leopardo árabe — só que pesava seis quilos em vez de sessenta. Além disso, tinha os olhos de um estranho tom negro... uma cor invulgar para um animal destes. E, quem prestasse mesmo atenção, não poderia deixar de notar que, enquanto os outros gatos usavam coleiras brancas e lisas, a deste era de prata. Uma coleira muito especial, que refletia a luz e resplandecia com um brilho sobrenatural.

E o que a fazia tão especial? Certamente não era o facto de ser tão estreita ou de não ter fivela. Não. Era o circuito invisível que percorria o interior do tecido de prata. Um circuito concebido para transmitir inibidores que não podiam ser sentidos por homens nem por animais — a não ser que a criatura fosse, ao mesmo tempo, homem e animal.

Uma invenção diabólica daqueles que queriam controlar a magia dos outros, a coleira mantinha este gato particular na atual forma felina.

E isso irritava tremendamente o gato.

Ravyn soprou quando um homem se aproximou da sua jaula. Se pudesse sair dali, arrancaria os braços ao filho da mãe e bater-lhe-ia com eles. Infelizmente, não podia — isso exigir-lhe-ia ter, ele próprio, braços, algo que na forma atual não possuía.

E era tudo culpa sua. Que se lixasse, ele e a sua libido. Se, nessa madrugada, tivesse simplesmente ignorado a deusa sexual de saia extremamente curta, estaria agora feliz em casa — bem, feliz talvez não, visto que teria de

aturar a puta da Erika, mas certamente estaria em casa, na sua cama, em vez de estar fechado naquela maldita jaula.

O que é que uma pancadinha dele poderia magoar?

Olhou para as barras da jaula e silvou à resposta aparente. Pois. O Ash ia faltar-se de gozar com ele.

Desde que saísse dali. Da maneira como as coisas estavam, não tinha tanta certeza de, desta vez, o conseguir. Enquanto usasse a coleira, os seus poderes, tanto de Predador da Noite como de Predador do Homem, estavam seriamente restringidos. Enquanto Predador do Homem arcadiano, a sua forma natural era a humana. Ser apanhado como gato à luz do dia era não só doloroso como extremamente desconcertante. Mesmo com a coleira, estava inibido de usar os poderes paranormais e apenas podia manter esta forma durante algum tempo antes de a sua própria magia se virar contra ele e o matar.

Este era um pensamento assustadoramente sério.

— Como vai ele?

Ravyn semicerrou os olhos para o veterinário alto e louro, que era *Appolite*. Por regra, a maioria dos *Appolites* mantinha-se fora da guerra que grassava entre os *Daemones* e os Predadores da Noite. Só quando os *Appolites* começaram a roubar almas humanas para prolongar as suas curtas vidas, transformando-se assim em *Daemones*, é que lhes chamaram a atenção. Afinal, essa era a razão de ser dos Predadores da Noite. Eram eles que matavam os *Daemones* para que as almas humanas pudessem ser libertadas antes que a possessão deles as destruísse.

Obviamente, este *Appolite* queria uma cabeça de avanço em relação ao caçador.

O seu assistente humano, um homem baixo, por volta dos trinta anos, de cabelos pretos e uma barba desgrenhada, respondeu:

— Está furioso e feroz. Como havia de estar?

Inclinou a cabeça, analisando Ravyn a uma distância segura.

— Acha que é Arcadiano ou Katagari?

O veterinário encolheu os ombros antes de se dobrar e espreitar para dentro da jaula.

— Não sei, mas espero que seja Arcadiano.

— Porquê?

Ravyn mostrou os dentes ao filho da mãe, que lhe sorriu em resposta.

— Porque, se o for, a magia que o mantém sob a forma de gato acabará por lhe fazer explodir a cabeça. Será doloroso à brava antes de morrer.

O assistente riu.

— E não terá sete vidas que o tragam de volta. Que pena. Mas eu

gosto disto — virou-se para o médico. — Que tal castrá-lo enquanto está nesta forma?

— Sabes, tiveste uma grande ideia...

Ravyn rosnou quando o veterinário estendeu a mão para o quadro pendurado fora da jaula e escreveu qualquer coisa. Soprou-lhe antes de enviar uma nota mental ao veterinário *Appolite*.

— *Castras-me, meu canalha, e eu dançarei nas tuas entranhas.*

Esse desdém foi-lhe devolvido com dez vezes mais força, porque fez a coleira apertar e magoá-lo, mas não tanto que o fizesse mudar de forma.

O veterinário sorriu afetadamente antes de voltar a pendurar o quadro na cavilha.

— Não estou a ver como vais conseguir fazer isso na tua situação atual. Tu estás, bola de pelo?

O assistente humano bateu a palma da mão aberta contra a do veterinário.

— Mal posso esperar que o Stryker e o Paul venham aqui acabar com ele.

Rindo, os dois deixaram Ravyn sozinho com os outros animais.

Ravyn pressionou as barras da jaula, mas a única coisa que conseguiu foi aleijar-se. Malvados, todos eles! Como tinham conseguido apanhá-lo daquela maneira? Como tinham sabido onde estava?

Num minuto, estava escondido nas sombras de Pike's Market, esperando que a sua Escudeira, Erika, fosse buscá-lo, e, quando voltou a ter consciência de alguma coisa, aquela *puta* de saia vermelha agarrara-o e pusera-lhe a coleira em volta do pescoço, antes que pudesse lutar ou pressentir-lhe as intenções. Com a coleira posta, seria impotente sem a sua magia. Mantendo-o bem apertado, a mulher embrulhara-o no xaile, entregara-o a um grupo de humanos que aguardava e recebera cinquenta dólares pelos seus serviços. Em seguida, os humanos tinham-no enfiado no abrigo local para animais.

E aí ficaria até que a cabeça lhe explodisse, devido aos inibidores na coleira, ou que ele descobrisse alguma forma de fugir da jaula sem a sua magia e sem polegares oponíveis.

Bem... grandes hipóteses... não havia. A sua única esperança era que Erika ficasse preocupada quando ele não aparecesse após o cair da noite...

Espera, estava a falar acerca de Erika Thomas. Erika. A rapariga que gostava de fingir que não tinha de trabalhar para ele. A rapariga que se desviava do seu próprio caminho para o evitar, assim como aos seus deveres. Levava dias a notar que ele não estava em casa.

Não, a mutantezinha daria uma festa no instante em que descobrisse

que, enquanto ignorava a sua ausência, ele fora castrado por um *Appolite* louco. Telefonaria a todos os amigos para se rirem disso.

Estou tão lixado...

SUSAN suspirou ao brincar com o pequeno medalhão de ouro que conservava na mala. Apenas um nadinha maior do que um dólar de prata, não parecia grande coisa mas, na noite em que o que ganhara, era mais valioso do que um bilhete da lotaria premiado com cem milhões de dólares.

Deteve-se a olhá-lo, assolada por velhas memórias. Ganhara o Sterling Award para a Reportagem de Investigação em Política em 2000. Nessa noite, estivera no topo do mundo...

Apertando o prémio na mão, praguejou baixinho:

— Vende esta porcaria no eBay.

Mas não era capaz e detestava-se por isso. Era difícil prescindir de um passado glorioso, mesmo que este não lhe tivesse trazido mais do que dor. Talvez não devesse ter sido tão petulante nessa altura. Talvez este fosse o seu justo castigo.

Tretas. Ela não acreditava nesse género de retribuição divina. Encontrava-se naquela situação porque se permitira ser enganada enquanto andava em busca de mais glória. A única pessoa que havia a censurar era ela. Fora estúpida e ingénua, e pagaria por esse único momento de ilusão para o resto da sua vida.

O telefone dela tocou.

Grata pela interrupção das suas rumações mórbidas, atendeu.

— Susan Michaels.

— Olá, Sue. É a Angie. Como vais?

A amiga não parecia muito alegre mas, mesmo assim, era bom ouvir uma voz amigável.

— Bem — respondeu Susan, guardando novamente o medalhão na bolsa. Se alguém era capaz de a fazer sentir-se melhor, era Angie. Uma veterinária *vegan* sardónica, Angie tinha um jeito de ir ao centro de qualquer questão e apontar o seu ridículo — e Susan apreciava esta qualidade. — Como estás?

— Cinco por cinco¹, como sempre.

Susan arregalou os olhos. A frase era não só uma referência ao programa *Buffy, the Vampire Slayer* que Angie adorava, mas também a forma como Angie se descrevia a si mesma, visto que era redondinha e apetitosa.

— Eu só te daria cinco por três... talvez.

¹ Cinco por cinco — duplo significado, que a pessoa está muito bem, ou que tem tanto de altura como de largura.

— Pois, certo. Acredita em mim, sou tão larga como alta, mas não é isso que está em questão. Tens um minuto de folga do teu lunático patrão?

— Sim, porquê?

— Porque tenho umas novidades que acho que gostarás de ouvir.

Apesar do tom fatalista de Angie, Susan sorriu.

— O Hugh Jackman divorciou-se, deu com a minha fotografia num artigo antigo e decidi que sou a mulher da vida dele?

Angie riu.

— Caramba, trabalhas para esse jornal há demasiado tempo. Começas a acreditar nas tretas que publicas.

— Engraçadinha... Esta conversa tem algum sentido?

— Tem, tem. Lembras-te daqueles relatos de pessoas desaparecidas de que o Jimmy tem falado e que já duram há algum tempo? Aqueles que o Jimmy diz que devem estar relacionados?

— Sim?

— Estão.

Susan imobilizou-se enquanto o seu antigo eu de repórter assumia a dianteira. — Que queres dizer com isso?

— Não posso dizer mais nada ao telefone, está bem? De facto, estou numa cabina, e nem queiras saber como é difícil encontrar uma coisa destas hoje em dia. Mas não posso correr riscos. Podes passar aqui pelo trabalho dentro de uma hora, para veres um gato?

Susan franziu o sobrolho e soltou um suspiro desaprovador.

— Arre! Sou completamente alérgica a essas coisas.

— Acredita, vai valer as tuas fungadelas e muito mais. Aparece.

O telefone foi desligado.

Susan desligou, enquanto um milhar de cenários lhe atravessavam a cabeça. Ouvira pânico verdadeiro na voz de Angie. Pânico *verdadeiro*, e isso não era o género da amiga. Era uma situação grave e Angie estava assustada.

Tamborilou com os dedos no telefone enquanto os seus pensamentos se dispersavam num milhão de direcções diferentes. Mas voltaram todos a um único ponto — aquele estranho telefonema podia ser o único caminho para a salvação e a respeitabilidade.

Capítulo

DOIS

EM muitas partes do mundo e em muitas religiões, o conceito de inferno tem, desde sempre, sido aquele em que os mortos são punidos pelas maldades em que participaram ou perpetraram quando estavam vivos.

No infernal reino atlante de Kalosis havia uma grande quantidade de almas malévolas, mas nenhuma estava a ser punida pelo que *ela* própria fizera enquanto viva. Na verdade, a maioria levava vidas calmas e pacíficas. Como Urian — um *Spathi Daemon* que outrora chamara a Kalosis seu lar — dizia tantas vezes: «Nós não somos os amaldiçoados, companheiros. Nós somos os categoricamente fodidos.»

E era verdade. Todos os que ali se encontravam estavam a ser punidos, não pelas suas transgressões, mas por algo que uma rainha há muito esquecida na Atlântida fizera séculos antes, para se vingar de um ex-amante. Num acesso de fúria contra o deus grego Apolo, enviara os seus soldados para lhe matarem a amante e os filhos. Ao fazê-lo, condenou todo o povo *Appolite*, não só a uma vida passada na escuridão, como a um período de vida de apenas vinte e sete anos. Uma vida que terminaria no dia do aniversário, quando o seu corpo lentamente, *dolorosamente*, se deterioraria ao longo de um período de vinte e quatro horas até não restar mais do que uma leve poeira.

Era um destino frio e impiedoso que cada homem e cada mulher aqui, em Kalosis, teria sofrido se o seu líder, Stryker, não tivesse encontrado o portal mítico que lhe permitiu descer do mundo do homem para este reino, onde encontrou outra deusa. Uma deusa cuja fúria indignada fazia a de Apolo parecer uma brincadeira.

Entrincheirada no reino infernal pela sua própria família, que temia os seus poderes, Apollymi não era do género de deixar a crueldade de Apolo sem castigo. Adotara o filho amaldiçoado de Apolo, Stryker, como se fosse seu, antes de o ensinar a recolher e usar almas humanas para prolongar a sua vida. Foi uma lição que Stryker partilhou alegremente como outros da sua raça, que reuniu neste lugar para servirem, não apenas o seu código de vingança, mas também o de Apollymi. Atualmente, comandava legiões de *Daemones* que se serviam dos patéticos humanos como se fossem gado.

E, apesar de lhe dever tanto, Stryker odiava verdadeiramente a deusa que lhe salvara a vida e o adotara.

Neste momento, encontrava-se no salão de banquetes da casa dela e observava os seus guerreiros *Spathi* a celebrarem a última vitória.

— Morte aos humanos! — gritou um dos guerreiros por cima do barulho geral.

— Deixa-te disso — respondeu outro. — Precisamos deles. Morte a todos os Predadores da Noite!

Um aplauso estrondoso ressoou no salão despojado. Stryker recostou-se no trono almofadado, vendo *Appolites* e *Daemones* congratularem-se uns aos outros pelo seu mais recente sucesso — a captura de Ravyn Kontis. O salão escuro estava iluminado apenas por velas e eles derramavam jarros de sangue *Appolite* — a única coisa que podia sustentar os seus corpos amaldiçoados — por cima de si próprios.

Tal como os outros *Spathi* ali reunidos, Stryker imaginava um mundo melhor. Um mundo onde o seu povo não estivesse condenado a morrer na tenra idade de vinte e sete anos. Um mundo onde todos pudessem andar à luz do dia, como o que tomara por garantido quando era criança.

E tudo porque o seu pai emprenhara uma puta e ficara aborrecido por os *Appolites* a matarem. Apolo amaldiçoara-os a todos... até a Stryker, que fora o filho mais amado do antigo deus.

Isso, porém, acontecera há onze mil anos. História antiga, muito antiga.

Stryker era o presente e os *Daemones* diante dele eram o futuro. Se tudo corresse conforme planeado, em breve reclamariam o reino humano que lhes fora retirado. Pessoalmente, teria preferido começar por outra cidade, mas a proposta do polícia humano de os ajudar a libertar Seattle de Predadores da Noite, fora a oportunidade perfeita para começar a alinhar a raça dos homens com os *Appolites* e os *Daemones*. Mal sabiam os humanos que, uma vez que os Predadores da Noite fossem exterminados, não restaria ninguém para salvar as suas almas. Estaria aberta a época da caça a toda a humanidade.

— Quantos Predadores da Noite restam em Seattle? — perguntou ao seu vice-comandante.

Tal como os outros *Daemones* presentes, Trates era alto e magro, de cabelos louros e olhos castanho-escuros, o símbolo da beleza juvenil. Junto as sobrancelhas ao meditar por um instante.

— Uma vez que Kontis esteja morto, faltam-nos só sete.

Stryker fez uma careta.

— Nesse caso, estamos a deitar foguetes antes da festa.

O silêncio seguiu-se às suas palavras.

— Como assim?

Stryker virou a cabeça para ver a meia-irmã mais nova aproximar-se do trono esculpido, com uma passada forte e determinada. Ao contrário dos *Spathi Daemones* que faziam deste lugar a sua casa, ela não mostrava qualquer medo dele. Com um fato inteiro de couro preto que atava à frente e apertava o seu corpo ágil e musculado, subiu para o estrado e encostou-se ao braço da cadeira. Os seus olhos escuros estavam completamente destituídos de emoção, enquanto levantava arrogantemente uma sobrancelha inquisidora.

— Ele ainda não morreu — proferiu lentamente cada palavra, com uma enunciação cuidadosa. — Aprendi, lidando com esses sacanas, a não dar nada por garantido.

Ela deu uma meia-gargalhada sarcástica antes de lhe tirar o telemóvel do cinto e marcar um número.

Em teoria, o telefone não devia funcionar naquele reino das trevas. Mas, nunca dispostos a deixar que os humanos lhes levassem a melhor, os seus *Spathis* tinham encontrado uma onda sobrenatural que podia levar o sinal para fora de Kalosis e fazê-lo subir ao mundo humano. Era um truque duvidoso que lhes dava jeito.

Satara lançou a Stryker um olhar enfasiado, enquanto ele ouvia o bom veterinário *Appolite* de Seattle atender o telefone.

— Já morreu? — perguntou, imitando o tom anterior de Stryker.

Ele apenas conseguia ouvir o murmúrio débil do *Appolite* do outro lado.

Satara soltou uma gargalhada malévola.

— Oh! — franziu o nariz de maneira sedutora. — És tão mau! Castrá-lo antes de o matar. Gosto disso.

Stryker estendeu a mão e tirou-lhe o telefone.

— Que é que fizeram?

Mesmo por cima da estática da linha, ouviu o *Appolite* suar.

— Eu... *hum*... Estou a planear castrá-lo, meu senhor.

Stryker ficou furibundo.

— Não te atrevas!

— Porque não? — perguntou Satara num tom ofendido.

Stryker olhou-a furiosamente enquanto respondia, tanto para ela como para o veterinário do outro lado do fio.

— Para começar, não quero o Kontis fora da jaula enquanto não estiver morto — é demasiado perigoso para isso —, e depois, não quero ver um adversário valioso capado. Ele conquistou o direito a morrer com alguma dignidade.

Satara desdenhou.

— Alguma dignidade. A cabeça dele vai explodir. Qual é a dignidade de ter os miolos espalhados numa jaula de gato porque quis ver mais de perto o vestido de uma qualquer puta humana? Se fosse mesmo valioso, nunca o teríamos apanhado tão facilmente.

Stryker apertou o telefone com mais força.

— Os truques não são dignos da nossa espécie.

— Oh, sai da Idade da Pedra, Strykerius. Os duelos nobres já não existem. Estamos num mundo onde o melhor a dissimular ganha.

Talvez fosse verdade, mas ele lembrava-se de um tempo e de um lugar onde as coisas não funcionavam dessa maneira e, depois de onze mil anos, estava demasiado velho para mudar.

— Ainda assim, ele é nosso primo e...

Ela lançou-lhe um olhar de desdém.

— Há muito tempo que os Predadores do Homem viraram as costas aos *Appolites* e aos *Daemones*. Já não nos consideram familiares.

— Alguns consideram.

— O Kontis não — replicou Satara. — Se considerasse, nunca teria sido capaz de vender a alma aos Predadores da Noite e juntar-se às suas fileiras. Durante centenas de anos perseguiu e matou a tua espécie. Acho que devias capar o canalha e usar os seus testículos enrugados como troféu.

Trates estremeceu a estas palavras, e o mesmo aconteceu a vários outros homens da sala, alguns dos quais cobriram, instintivamente, os seus com as mãos.

E Satara ainda se pergunta porque nenhum homem quer sair com ela...

— Deixem-no intacto — ordenou Stryker ao *Appolite* ao telefone, olhando furiosamente a irmã... — Estarei aí ao pôr-do-sol para verificar com os meus olhos e é melhor que ele esteja como quando o capturaram.

Antes de o *Appolite* poder responder, Stryker desligou o telefone e voltou a guardá-lo no cinto.

Satara revirou os olhos.

— Não acredito que *tu* mostres misericórdia para com um inimigo. Tu, que cortaste a garganta ao teu próprio filho para apaziguar Apollymi.

Agindo por puro instinto, Stryker estendeu o braço e agarrou-a pelo pescoço para a calar.

— Já chega-rosnou, enquanto os olhos dela saíam das órbitas. — A menos que queiras ver a exata natureza da minha misericórdia, assume um tom mais respeitoso quando te dirigires a mim. Não me interessa a quem serves. Que Ártemis arranje outra serva. Mais uma palavra e calo-te para sempre.

Afastando-a dele, pôs-se de pé.

Um profundo silêncio encheu o salão enquanto ele examinava os *Spathis* reunidos. Todos abaixo dos vinte e sete anos, cada membro do seu clã era belo como um anjo... da morte.

E era ele que os comandava.

Ignorando a irmã, dirigiu-se-lhes.

— Foi-nos concedida uma rara oportunidade de trabalhar com os humanos para exterminar os Predadores da Noite em Seattle e conseguirmos o ponto de apoio necessário para entrar no seu mundo. Porém, não pensem nem por um minuto que esta guerra terminou. Assim que o Acheron perceber quantos dos seus Predadores da Noite faltam, virá aqui em pessoa saber o que se passa.

Stryker fixou um olhar feroz em Satara.

— Estás preparada para combater o líder dos Predadores da Noite?

Ela esfregou a garganta e os seus olhos faiscaram de sede de sangue.

— Com todas as minhas forças.

Stryker escarneceu.

— Bravura suicida não nos levará a lado nenhum. Apollymi protege o seu bastardo. Nunca morrerá às mãos de um *Daemon*...

— Morrerá por mãos humanas — disse Trates, à sua direita.

Stryker anuiu.

— E será necessário muito planeamento e uma execução cuidada, se o quisermos fazer. Mate-se o Acheron e os outros Predadores da Noite serão fáceis de manipular ou eliminar.

Olhou em volta da sala enquanto o exército fazia sinais de aprovação.

— Nesse caso, quem matamos a seguir? — perguntou Trates.

Stryker considerou os sete Predadores da Noite que restavam. Todos tinham sido guerreiros ferozes na sua vida humana. Não havia nenhum alvo fácil.

Porém, com os humanos a ajudá-los, tinham pela primeira vez uma vantagem distinta. Tal como os *Appolites* e os *Daemones*, os Predadores da Noite não podiam sobreviver à luz do dia, mas os seus ajudantes humanos podiam. Além disso, os Predadores da Noite não conseguiam sentir a presença de um humano da mesma maneira que sentiam a de um *Appolite* ou

de um *Daemon*. Os humanos podiam com facilidade aproximar-se furtivamente deles e desferir-lhes inesperadamente um golpe mortal. Para não falar no juramento que todos os Predadores da Noite faziam de preservar a vida humana, ainda que às custas da sua...

Esse juramento seria a sua perdição.

— Deixemos os humanos escolherem. Esta guerra é deles. Por agora, vamos apoiá-los mas, no final, se falharem, o funeral será o deles e não o nosso.

ENQUANTO estacionava em frente do abrigo para animais, Susan sabia que não devia ter grandes esperanças. Tudo aquilo podia muito bem não passar de uma grande perda de tempo.

Ou pode ser o teu bilhete de volta...

— Oh, cala-te Pollyana — ralhou consigo mesma ao agarrar na mala. Detestava aquele pedacinho de otimista que ainda vivia dentro dela. Porque não morria?

Mas não, ela tinha sempre de ter esperança, mesmo quando não valia a pena. Afinal, que tinha de errado? As outras pessoas fartavam-se... Porque não ela?

Sou só amaldiçoada, acho eu...

Suspirando com desgosto, saiu do carro e encaminhou-se para a entrada.

Abriu a porta e entrou numa receção vivamente iluminada.

Uma adolescente loira e animada, atrás de um balcão, guardava papéis dentro de pastas.

— Olá — cumprimentou, erguendo o olhar para Susan. — Posso ajudá-la?

— Gatos. Estou aqui à procura de gatos.

A rapariga lançou-lhe um olhar estranho. Não que Susan a censurasse. Mesmo que tentasse, a sua voz não conseguiria demonstrar menos entusiasmo. Pensando bem, era possível que estivesse a fazer uma careta enquanto falava. Não tinha a certeza. Era difícil esconder tanto despreço como o que sentia pelas asquerosas criaturas de quatro patas que a tinham feito infelicíssima durante a infância.

A rapariga apontou para a esquerda.

— Estão ali.

— Obrigada.

Susan dirigiu-se à porta azul clara que ostentava, com bastante ironia, a palavra «Gatos».

Abriu-a e teve de lutar contra a ânsia de fugir para o carro, pois ficou com o nariz imediatamente entupido. Isto depois de ter tomado *Benadryl* meia-hora antes, já a prever daquela desgraça.

— Bolas — queixou-se, tirando um *Kleenex* da mala ao mesmo tempo que fingia examinar atentamente os malévolos bichos que lhe davam alergia. Sentia os olhos começarem a inchar.

Espirrou ruidosamente, depois deu uma palmadinha no nariz.

— Onde estás tu, Angie? — sussurrou entredentes.

Estava prestes a abandonar a ideia de que conseguia aguentar a situação quando deu com os olhos no gato mais estranho que alguma vez vira. Comprido e delgado, parecia que alguém encolhera um leopardo até ao tamanho de um gato doméstico. Mas, mais que a beleza do seu corpo pequenino, era a negridão dos seus olhos. Nunca vira um gato de olhos pretos.

E parecia verdadeiramente zangado.

Inclinou a cabeça para o examinar. Havia algo no gato que parecia extremamente inteligente.

— Olá, Gato das Botas, és infeliz aqui? — voltou a espirrar. Praguejando e limpando o nariz, fungou e os seus olhos começaram a lacrimejar. — Não te censuro. Preferia que me dessem com um martelo na cabeça a ficar aqui.

— Olá. Posso fazê-la interessar-se por um gato?

Voltou-se ao ouvir a voz de Angie. Baixa, de cabelos negros e olhos castanhos, Angie olhou nervosamente em volta e Susan compreendeu que não queria que se soubesse que eram amigas. Percebendo a indireta, voltou a olhar para o gato e era capaz de jurar que este mantinha o sobrolho erguido enquanto aguardava a sua resposta. O *Benadryl* estava certamente a fazer efeito em algo mais que o nariz.

— Claro.

— Deixe-me levá-la a uma sala onde pode brincar com ele alguns minutos — era óbvio que Angie passara algum tempo a ensaiar aquele discurso.

Ainda bem que Angie era veterinária e não um agente infiltrado — levaria um tiro em menos de nada. Mas Susan não voltou a falar enquanto Angie retirava delicadamente a miniatura de leopardo da jaula e a punha numa transportadora, antes de a conduzir a outra porta azul-clara que dava para uma salinha onde as pessoas podiam conviver com os animais.

Detendo-se do lado de fora da porta, Angie estendeu-lhe a transportadora e dirigiu-lhe um sorriso artificial.

— Demore o tempo que for preciso. Deve ter a certeza que conhece o gato antes de o levar para casa.

— Assim farei — prometeu Susan no mesmo tom empertigado. Pegou na transportadora, mantendo-a o mais longe possível do corpo, e entrou na sala sem janelas, que julgou estar vazia até a porta se fechar e ver o marido de Angie atrás dela. Jimmy era detetive e também seu amigo há anos.

— Olá, Jimmy.

Ele levou um dedo aos lábios.

— Fala baixo. Pode estar alguém lá fora a ouvir. Porque pensas que a Angie te mandou encontrar comigo aqui? Não posso correr o risco de que alguém me veja com uma repórter depois do que aconteceu na noite passada.

Oh, ele tornara-se seriamente paranoico

— Alguém? Quem? — sussurrou ela. — Que aconteceu na noite passada?

Jimmy não respondeu. Em vez disso, tirou-lhe a transportadora do braço esticado e colocou-a mesmo ao lado da porta, levando-a depois para o canto mais distante, onde estava um banquinho.

— Não sabes o que eu vi, Sue — murmurou ele. — Do que são capazes. A minha vida, a tua vida... a de todos nós. Não significa nada para eles. Nada.

O coração bateu-lhe mais depressa ao ouvir o seu murmúrio assustador e ver o pânico nos seus olhos azul-claros.

— Quem são *eles*?

— Está a decorrer uma enorme ação encoberta. Não faço ideia até que ponto da cadeia alimentar chega, mas chega alto.

Susan debruçou-se ansiosamente para a frente. Revelar ações encobertas de alto nível fora outrora a sua especialidade.

— Uma enorme ação encoberta para quê?

— Lembras-te daqueles miúdos desaparecidos de que te falei? Os estudantes universitários e os fugitivos de que temos recebido relatórios? Encontrei uns quantos. Mortos. Agora, fui afastado dos casos e disseram-me que estes estão a ser tratados por uma *task force* especial, que não existe. Que eu não me devia preocupar com isto.

Um frio desceu-lhe pela espinha ao ouvir estas palavras.

— Tens a certeza?

— Claro que tenho — respondeu ele, zangado. — Encontrei provas. E quando fui comunicá-las, disseram-me que seria melhor para mim não investigar mais. Então, fiz mais algumas diligências com o meu colega, Greg, e agora ele também desapareceu e... — engoliu em seco com força. — E agora eles também estão atrás de *mim*.

— Quem?

— Não acreditarias se te dissesse. Eu próprio não acredito, e sei a verdade — tinha os olhos arregalados de medo. — Esta noite, vou pegar na Angie e vamos sair da cidade.

— Vão para onde?

— Qualquer sítio, desde que não seja aqui. Qualquer sítio onde não haja pessoas aliadas ao demónio.

Susan gelou às suas palavras, percorrida por uma vaga de desconfiança.

— E quem é o demónio?

— Já te disse, tu não acreditarias. Eu não acredito, e vi-o. Compreendes? Eles estão aí e darão cabo de todos nós.

— Jimmy...

— Chiu. Não me dêes sermões acerca disto. Sai desta cidade, Sue, enquanto podes. Há aqui coisas que não são humanas. Coisas que não deviam estar vivas e que nos consideram comida.

Ela chegou-se para trás, fazendo uma careta à sua bizarra explosão.

— Que diabo vem a ser isto? Uma piada de mau gosto?

— Não — grunhiu ele, com as narinas infladas. — Podes ser estúpida, se quiseres, mas isto não é um jogo. Pensei que seria seguro falar contigo aqui, neste abrigo, mais que em qualquer outro sítio. E então, descubro que um deles está a trabalhar com a Angie. A trabalhar *aqui*. Exatamente aqui, nesta clínica. Pode estar a ouvir-nos neste momento e a comunicar aos outros que ando atrás deles. Ninguém está seguro.

— Quem está aqui?

Ele engoliu em seco.

— O outro veterinário, o Dr. Tselios. É um *deles*.

— Deles, quem?

— Dos *vampiros*.

Susan cerrou os dentes, lutando contra a necessidade de revirar os olhos. Foi uma batalha que ficou surpreendida por ganhar. Certamente que o Jimmy e a Angie não seriam tão cruéis que estivessem a brincar com ela. Até porque sabiam o quanto resistia ao seu trabalho no *Inquisitor*.

— Jim...

— Pensas que não sei como pareço louco? — sussurrou, interrompendo-a. — Eu era exatamente como tu, Sue. Eu também achava que isto eram tudo tretas. Os vampiros não existem, pois não? Nós somos o topo da cadeia alimentar. Mas isso não é verdade. Eles estão aí, e têm fome. Se souberes o que é bom para ti, sairás daqui imediatamente. Por favor, publica isto para que os outros saibam, antes que eles também os matem.

Pois, era mesmo disso que a sua desgraçada reputação precisava. Mais feridas. *Obrigada, Jim*.

Jim semicerrou os olhos para ela, como se lhe lesse os pensamentos.

— Agora é o teu couro, Sue. Eu fiz o meu melhor para o salvar. Podes fazer o que quiseres, mas eu estou fora.

Antes que ela pudesse dizer mais alguma coisa, Jimmy deixou-a sozinha na sala... e voltou a pôr a transportadora do gato no chão aos seus pés.

Susan espirrou.

Dava palmadinhas no nariz quando a porta se abriu e ela viu Angie a olhá-la com a testa franzida. Entrou na sala e fechou a porta.

— Que disseste ao Jimmy?

— Na verdade, nada. Porquê?

— Quer que eu parta com ele imediatamente.

Susan suspirou ao ouvir o medo na voz da amiga.

— Disse-te o que estava a acontecer?

Ela abanou a cabeça.

— Não exatamente. Disse que havia demasiadas pessoas desaparecidas e a morrer, e que o aterrorizava a ideia de os responsáveis, a seguir, irem atrás dele. Quer que vamos para casa dos pais dele, no Oregon.

— Também te falou dos vampiros?

— Do quê? — pela cara de Angie, Susan percebeu que Jimmy não partilhara essa parte da informação com a mulher.

— Sim. Segundo ele, os vampiros estão aí para nos matar a todos. Não me leves a mal, Ang. Acho que o Jimmy precisa de ajuda. Ele tem andado a fazer muitas horas extras?

A fúria relampejou funda nos olhos de Angie.

— O Jimmy não é maluco, Sue. Nem por sombras.

Talvez, mas não queria discutir com a amiga.

— Bem, obrigada pela cacha.

Dirigia-se para a porta quando Angie falou.

— Olha, leva o gato contigo.

Ela abriu a boca.

— Desculpa?

— Por favor. Não sei por que razão, o Jimmy está aterrorizado. Leva o gato para manter as aparências e eu vou lá buscá-lo depois do trabalho.

Sue estremeceu à ideia, mas faria qualquer coisa pela sua melhor amiga.

— Está bem, mas ficas-me a dever esta.

— Eu sei.

Resmungando baixinho, Susan pegou na transportadora e seguiu Angie para a receção.

Angie entregou-lhe alguns papéis enquanto ela passava o cheque para as taxas de adoção.

— Não se esqueça de passar algum tempo com ele, para que se acostume a si — voltara a ficar empertigada e estranha.

— Não há problema.

— Espero que goste do seu novo animal — disse a rececionista.

Sim, quando os porcos voarem.

— Obrigada — respondeu Susan com um sorriso tão falso que faria o orgulho de um político.

Outra vez a espirrar, dirigiu-se ao carro e instalou a transportadora no banco de trás.

— Muito obrigada, Gato das Botas — disse, olhando-o com malícia.
— Espero que aprecies bem a desgraça que estou a suportar por ti.

Angie ficou a ver Susan sair do parque de estacionamento e dirigir-se para casa, a sul. Soltando um suspiro de alívio, virou-se e viu Jimmy fazer-lhe sinais do outro lado da porta que dava para a área restrita aos funcionários do abrigo.

— *Um minuto* — disse ela, apenas mexendo os lábios.

Estava a tirar o casaco de trás do balcão quando viu Theo dirigir-se-lhe. O seu rosto bonito mostrava-se mais pálido do que o normal, enquanto batia com a porta da sala dos gatos. Dois segundos mais tarde, o seu assistente, Darrin, também saiu da sala dos gatos.

Os olhos castanhos de Theo chamejavam de fúria.

— Onde está ele? — perguntou Theo, parando diante dela.

Angie ficou perplexa com a sua fúria e o seu tom acusador.

— Quem?

— O gato — cuspiu-lhe estas palavras como se fossem demoníacas.

— O que trouxeram hoje de manhã. Onde raio está?

— O que acabou de ser adotado?

Angie estremeceu quando a rececionista falou.

— Há algum problema com ele?

Theo e Darrin trocaram um olhar hostil.

— Sim. É feroz.

— Oh — Angie começou a dizer que ia buscar o gato, quando viu Jimmy a fazer-lhe gestos estranhos do outro lado da porta. Parecia estar a dizer-lhe que fugisse para junto dele. Franziu o sobrolho ao marido. Theo virou-se para ver para onde ela estava a olhar. Jimmy deixou cair os braços e tentou parecer despreocupado.

Algo de negro desceu sobre o rosto de Theo, que ficou de pedra.

— Darrin?

— Sim?

— Tranca a porta e fecha as persianas.

Capítulo

TRÊS

RAVYN não sabia se devia ou não sentir-se feliz por ter sido resgatado. Uma coisa era certa, ficaria muitíssimo mais grato se a sua salvadora não o tivesse posto à luz direta do Sol no banco de trás. Os raios dolorosos forçaram-no a encolher-se a um canto, e encolher-se não era algo que apreciasse.

Farejou o ar. Raios. Era o pelo dele que estava a ficar chamuscado? Claro que era... O que o faria pensar, nem que fosse por um minuto, que era outra coisa?

Não havia nada pior do que ter o pelo a arder e sentir um cheiro cada vez mais intenso. Bem, talvez houvesse uma coisa pior — a carne a arder e a tornar-se numa pilha de cinzas chamejantes, que seria exatamente o que lhe aconteceria se estivesse na forma humana.

Bem, pensando melhor, isto não era tão mau, mas ainda que pudesse tolerar o sol na forma de gato, continuava a doer imenso. Podia não entrar em chamas mas, se não o tirassem dali depressa, ficaria bastante queimado.

— Que cheiro é este?

Cerrou os dentes à pergunta de Susan. *Sou eu, génio*. Teria projetado este pensamento na mulher, se não fosse isso causar-lhe um choque, e ele já tivera choques suficientes para um dia. Ravyn bufou quando a luz do Sol lhe bateu na almofada da pata e a fez empolar. Sacudiu a pata e meteu-a debaixo do corpo.

Tinha a cabeça a latejar e, honestamente, não sabia por quanto tempo mais poderia manter aquela forma ou recuperar a sua magia. O tempo esgotava-se.

— És tu, Gato das Botas?

Ravyn olhou-a furiosamente enquanto ela parava num semáforo. Pondo de parte a sua irritação com ela, era bastante gira, num estilo rapariguinha normal. Não era de fazer parar o trânsito, mas saudavelmente bonita. Com cabelos louros escuros e brilhantes olhos azuis, dava a impressão de que devia estar algures numa quinta, criando uma dúzia de filhos. Havia algo nela que lhe recordava uma sensata mulher Menonita. Não usava qualquer maquilhagem e tinha o cabelo preso num rabo-de-cavalo. Se estivesse solto, provavelmente chegar-lhe-ia um pouco abaixo dos ombros — o mesmo comprimento do dele.

Ela abriu as janelas do carro.

— Caramba, que é que comeste, Gato das Botas? Se calhar não devia ter tomado aquele *Benadryl*. Um nariz entupido certamente melhoraria este pesadelo aromático. Por favor, deem-me um tiro!

Ah, ter agora a capacidade de falar como humano... Tire-me do sol, minha senhora, e ficaremos ambos muito mais felizes.

Ravyn tentou engolir em seco e percebeu que não conseguia porque a coleira, de repente, estava a apertar-lhe a garganta. O seu corpo começava a crescer outra vez, apesar dos inibidores iónicos da coleira que o mantinham na forma de um gatinho. Visto esta não ser a sua forma natural e ser dia, o corpo queria voltar a ser humano, e não passaria muito tempo sem que voltasse, quer ele quisesse, quer não.

Se ainda estivesse com a coleira quando a mudança ocorresse, esta matá-lo-ia.

Conduz mais depressa.

Susan agitou-se quando ouviu o que lhe pareceu a voz de um homem na sua cabeça. Seguiu-se o bufar do gato no banco de trás.

— Fantástico — murmurou ela. — Agora estou a ficar maluca. A seguir, hei de ver um dos vampiros do Jimmy ou, melhor ainda, vou comungar da psicose do Leo — abanou a cabeça. — Controla-te, Sue. A tua sanidade é tudo o que te resta e, por pouco que valha, não podes correr o risco de a perder.

Mas continuava a ter aquela sensação de formigueiro na parte de trás do pescoço, como se a pele estivesse a arrastar-se. Era tão perturbador. Era como se alguém estivesse a fitá-la, mas olhando o tráfego à sua volta, não via ninguém. Completamente transtornada, fechou a janela e desejou não ter deixado a arma em casa essa manhã.

No momento em que entrou na rampa da sua casa, quase esperava que acontecesse algo de insólito. Não sabia bem o que esse insólito envolveria — talvez o seu *Toyota* ganhasse vida, como Christine ou Herbie (o que levantava a questão, se o carro falasse, teria sotaque japonês?), ou o seu

recém-adotado gato começaria a falar, como o Morris, ou um dos vampiros do Jimmy estaria em casa, à espera dela.

— Eu devia escrever ficção — murmurou, tirando a transportadora do banco de trás e batendo com a porta do carro. — Quem diria que tinha esta imaginação?

Pois, está bem. A verdade é que não era nada criativa. Sempre tivera os pés bem plantados na terra e as suas únicas viagens ao fantástico eram um ocasional filme da *Guerra das Estrelas*.

Enquanto se debatia com as chaves na fechadura da porta da frente, o gato começou a saltar dentro da transportadora, como se tivesse dores.

— Para com isso, gatinho, ou ponho-te fora.

O gato acalmou-se imediatamente, como se a compreendesse. A espirrar e infeliz, Susan abriu a porta e colocou a transportadora no chão mesmo ao seu lado, antes de fechar e trancar a porta. Foi à procura de lenços de papel, tencionando deixar o Gato das Botas dentro da transportadora até Angie ir buscá-lo mas, quando assoava o nariz, viu o gato a arrastar-se para fora dela.

Como é que a porta se abriu?

— Eh — gritou. — Volta para a caixa!

Mas o gato não lhe deu ouvidos.

Deu um passo na direção dele e percebeu que o animal se comportava de uma forma estranha. Mal conseguia andar e parecia estar a sufocar. Caiu e rolou até ficar deitado de lado.

O coração dela parou de bater.

— Oh, não te atrevas a morrer-me. A Angie mata-me. Nunca acreditará que não fiz nada para te matar.

Limpando o nariz atravessou a sala com passadas curtas para ir ter com a bola de pelo, que respirava com dificuldade e dolorosamente.

Que diabo poderá ele ter?

Foi então que percebeu que a coleira lhe ficava extremamente apertada. O pobre gatinho parecia estar a asfixiar.

— O.K. — disse-lhe calmamente. — Vamos tirar-te isso. — Pegou na coleira e percebeu que não tinha fivela.

Susan franziu o sobrolho.

Que diabo?

— *Puxa-a. Com força.*

Era a mesma voz masculina e profunda na sua cabeça, e coincidiu com o bufar do gato, que se retorceu como se ainda lhe doesse mais.

— Relaxa — disse-lhe reconfortantemente, puxando-lhe a coleira. Que diabo? Talvez a voz estranha soubesse algo que ela não sabia.

Ao princípio, a coleira parecia ficar ainda mais apertada, fazendo o

gato espirrar e sufocar. Susan puxou a coleira com toda a força. Exatamente quando começava a ter a certeza de que era inútil, a coleira partiu-se ao meio com um estranho ímpeto de energia, tão poderoso que a fez recuar quase um metro.

Praguejando, endireitou-se e ficou gelada ao ver o gato crescer na carpete, diante dos seus olhos. Numa questão de segundos, passou do tamanho de um gato doméstico ao de um leopardo completamente desenvolvido.

E continuava a retorcer-se no chão, como se estivesse em agonia.

— *Foge!*

Estremeceu ao ouvir a voz do homem na sua cabeça. Longe de ser cobarde, avançou... pelo menos até se abrirem as portas do inferno. Do teto, vieram relâmpagos que ricochetearam por toda a sala, despedaçando molduras e quebrando lâmpadas. Os pelos eriçaram-se-lhe, pois o ar estava cheio de eletricidade estática que lhe estalava nos ouvidos.

O leopardo soltou um rugido feroz e cravou as garras na carpete.

Sem saber o que fazer e impossibilitada de ir buscar a arma, pois o gato encontrava-se entre ela e as escadas, Susan protegeu-se atrás do sofá, enquanto mais relâmpagos faiscavam e as janelas matraqueavam de tal forma que ela não sabia se estavam partidas. Gritou quando um parafuso se aproximou perigosamente dela, eriçando-lhe os cabelos, uma visão que devia ser muito atrativa.

Exatamente quando começava a pensar que a casa ficaria em chamas devido às poderosas explosões, os relâmpagos pararam abruptamente. Fez-se um estranho silêncio enquanto ela se agachava com as mãos nos ouvidos. Tanto silêncio que só conseguia ouvir o bater do seu próprio coração. O peso da sua própria respiração.

Quase esperava que os relâmpagos voltassem.

Após um minuto de espera sem que nada ficasse possesso, atreveu-se a olhar por cima das costas do sofá, descobrindo então que acontecera a coisa mais incrível...

O leopardo desaparecera e, no seu lugar, estava um homem nu.

Devo estar a sonhar...

Mas, se estivesse a sonhar, não se teria concedido uma casa melhor do que aquela?

Ignorando esse pensamento, semicerrou os olhos. O homem permanecia imóvel na sua carpete verde-escura. Do ângulo em que se encontrava, só conseguia ver umas costas bem musculadas, com uma estranha tatuagem dupla de um arco e uma flecha na omoplata esquerda. Cabelos pretos, compridos e ondulados, colavam-se ao seu corpo húmido, e ele tinha o mais bonito traseiro nu que ela já vira na vida real.

Claro que ele podia ter muito bom aspeto ali deitado, mas o Ted Bundy também não era feio.

Susan pegou no objeto disponível mais parecido com uma arma — o candeeiro de mesa que caíra durante o caos — e agachou-se à espera que ele se movesse.

Ele não o fez.

Deixou-se ficar ali, tão imóvel e silencioso que ela nem tinha a certeza de que estivesse vivo.

Com o coração firmemente alojado na garganta, desaparefususou o quebra-luz e arrastou-se para mais perto dele.

— Eh — disse bruscamente. — Está vivo?

Ele não respondeu.

Preparando-se para fugir no caso de o homem estar a fingir, tocou-lhe com a ponta do candeeiro.

Muito bem, já vi este filme antes, pensou. Idiota sem remédio espeta a cabeça por cima de corpo inconsciente em busca de sinais vitais e o mauzão abre os olhos e agarra-a.

Não cairia nessa. Por isso, decidiu rastejar para diante dele, que continuava a não se mexer.

— Eh — tentou novamente, espetando-o com o candeeiro.

Nada.

Nada, além de um corpo tão fabuloso que tinha vontade de lhe dar uma dentada, para ver se sabia tão bem como parecia. *Para com isso, Sue!* Tinha coisas muito mais importantes em que pensar do que na boa aparência do homem nu.

Susan semicerrou os olhos e sentou-se sobre os calcanhares. Era difícil tirar aqueles pensamentos da cabeça. O corpo dele era longo e esguio, pontilhado de pequenos pelos pretos, e músculos fortes e enxutos que lhe diziam que seria formidável acordado. Media mais de um metro e oitenta e algo nele, ainda que inconsciente, dizia que não era submisso nem afável.

Um corpo assim não era algo com que uma mulher se deparasse frequentemente. De mais que uma maneira. Era todo ele pele bronzeada, da ponta da cabeça à ponta dos pés. Porém, o que lhe chamou a atenção foi a beleza das mãos. Os dedos eram elegantes e fortes, e a palma da mão direita parecia empolada.

Que coisa tão estranha. Mas não era isso que a preocupava, e sim o facto de ele estar no chão dela.

Preparada para lhe bater com força se ele se mexesse, usou o candeeiro para o virar de costas. Algo que não era exatamente fácil de fazer, pois o homem parecia pesar uma tonelada, mas acabou por conseguir. O cabelo

comprido tapava-lhe completamente o rosto, se bem que tudo o resto estivesse nu e à vista.

Sentindo-se um pouco melhor por ele não ter feito qualquer movimento para a agarrar, arrastou-se para mais perto. Tão perto que pôde, finalmente, tocar aquela pele deliciosa: Susan franziu o sobrolho ao ver uma linha terrivelmente ferida em volta do seu pescoço — como a que o gato teria tido por causa da coleira.

Não sabia bem se isso a confortava ou assustava. Baixando o candeeiro, estendeu a mão para tocar na área ferida, de maneira que pudesse sentir-lhe a pulsação. Santo Deus, tinha um pescoço sensual. Do género que uma mulher sonhava mordiscar.

Concentra-te, Susan, concentra-te! Não se trata aqui de sexo, trata-se de um estranho nu na tua casa.

E que ela queria fora dali, o mais depressa possível. Felizmente, a pulsação dele batia forte contra as pontas dos dedos dela.

Mesmo assim, não tentou agarrá-la.

Afinal, talvez não estivesse a fingir.

— Muito bem — disse ela muito baixinho.

Ele estava vivo e inconsciente no chão dela. Em que situação é que isso a deixava?

Lixada.

Suspirando, continuou a olhar a ferida no pescoço dele. Não podia ser o gato, pois não?

— Oh, não sejas estúpida. Isto não pode estar a acontecer. Não agora. Não a mim.

E, no entanto, estava. Não podia negar o facto de estar um fantástico homem nu no chão da sala e de o gato parecer ter-se desvanecido completamente.

Não, tinha de ser algum truque. Algo como uma manobra de Criss Angel — era o rei a realizar ilusões incríveis enquanto milhões de pessoas observavam. Ela nunca acreditara em magia de espécie alguma e não era agora que ia cair nessa. Acreditava apenas naquilo que podia ver.

E podes senti-lo neste momento. Ninguém viria a saber...

— Oh, deixa-me em paz, *Id* — mas então, havia muito tempo que não tinha um homem nu por perto, e nunca tivera nenhum tão bonito. Claro que havia uma boa razão para isso. A maioria dos tipos com aquela aparência não era propriamente material para namorar. Eram mais os jogadores que iam e vinham tão rapidamente que, muitas vezes, deixavam marcas de derrapagem no coração e no quarto da mulher.

E isso era a última coisa de que precisava na vida.

Voltando a pensar no seu dilema, Susan deu uma olhadela ao sofá

onde se abrigara quando os relâmpagos tinham começado — provavelmente, um truque fácil de realizar. Podiam ter ligado qualquer coisa às válvulas para provocar os relâmpagos e a fricção. Talvez fosse isso que a atirara para trás quando removera a coleira — uma espécie de controlo remoto. Depois, enquanto ela estivera distraída pelo espetáculo de luzes, este tipo trocara de lugar com o gato.

Claro, era isso mesmo. Fazia sentido.

Agora, fingia-se inconsciente. Não podia ser outra coisa.

Ergueu o olhar para o teto.

— Caso estejam a filmar, não estou a achar graça. Era preciso mais do que isto para me convencer que o gato se transformou no Sr. Fabuloso.

Não houve resposta. Ainda bem. Eles que se rissem. Pelo menos, podia lavar os olhos.

Lambendo os lábios secos, examinou-o cuidadosamente. Ele encontrava-se numa espécie de coma mas, se fosse ator, isso também seria fácil de simular. Embora soubesse que não devia, aproximou-se e afastou-lhe os cabelos do rosto até poder vê-lo.

Ficou sem respiração. As feições dele eram cinzeladas e perfeitas. As sobrancelhas finamente arqueadas, as maçãs do rosto altas e cobertas por, pelo menos, dois dias de barba preta. Tinha um ar quase carrancudo, de rapaz mau. Era abrasador e animalesco. Magnético. Aquela sexualidade sombria e temperamental que fazia qualquer mulher ofegar quando um tipo assim entrava em cena.

E aqueles lábios sensuais, completamente beijáveis. Sim, era difícil estar tão perto dele e não se aproveitar disso. Sinceramente, era o tipo mais bonito que já vira ao vivo.

De repente, começou a rir. Profunda e ruidosamente. Não conseguiu evitá-lo. Santo Deus, como aquilo era estranho!

Na sua cabeça, ouvia repetidamente a voz de Leo:

GATO TRANSFORMA-SE EM FANTÁSTICO HOMEM NU
EM CASA DE MULHER SOLTEIRA... POR TODO O LADO,
MULHERES PRECIPITAM-SE PARA ABRIGOS DE ANIMAIS.
GUARDE BEM O SEU GATO.

Isto fê-la pensar quem devia chamar... um médico ou um veterinário. Gelou, porque esse pensamento levou-a a outro.

— Angie.

Era isso. Angie devia estar metida nisto. Não admirava que tivesse insistido para ela levar o gato, apesar das alergias. Agora, tudo fazia sentido. A insanidade de Jimmy, a insistência de Leo para que fosse investigar

a história do homem-gato. O comportamento falso de Angie — ninguém era *tão* mau ator.

Para não mencionar o facto de ter parado de espirrar...

Pois, estavam todos a pregar-lhe uma partida qualquer. Tinha a certeza. E malditos fossem por causa disso. Como se ela não tivesse nada melhor para fazer na vida. *Bem, não tens*. Semicerrando os olhos, decidiu ignorar aquela vozinha irritante no fundo da cabeça.

Por um segundo, quase a tinham levado à certa.

Bem, podiam ser dois a jogar este jogo, e ela podia jogá-lo muito melhor que eles todos juntos.

Aborrecida consigo mesma por se ter deixado levar, ainda que por um segundo, Susan tirou o telemóvel do bolso e marcou o número de Angie. Ninguém atendeu.

— Vá lá, querida. Atende o telefone — voltou a marcar, mas foi para o correio de voz. Decidindo continuar o jogo da amiga, acrescentou um tremor de pânico à voz.

— Olá, Ang. Sou eu. Liga-me, está bem? Preciso *mesmo* de te questionar acerca deste gato que me deste. Aconteceu uma coisa muito estranha. Liga-me assim que ouvires a mensagem. Depois falamos.

Susan voltou a guardar o telemóvel no bolso e relanceou o monumento inconsciente, enquanto outro pensamento lhe atravessava a mente...

Tenho a certeza de que o idiota do Homem-Gato encontrou uma Barbie com quem dar uma mas, caramba, não me podia ter telefonado a dizer?

Esse seria o segundo *round*. A rapariga, o Anjo Negro, e o seu blogue. O Leo também a metera nisto, provavelmente. Por aquilo que sabia, Leo podia bem ser o Anjo Negro. Toda a gente com acesso à Internet podia fazer um blogue.

Afinal, não poderia haver mais do que um Homem-Gato em Seattle. *Isto é, quais seriam as probabilidades de haver um, já para não falar numa tribo deles. Certo?*

Então, chegara o momento de lidar com essa parte da patranha. Pegou na coberta cor-de-rosa do sofá e atirou-a por cima do seu hóspede não desejado. Em seguida, tirou o *laptop* da mesinha de café e abriu-o. Não demorou muito a iniciá-lo e a voltar a encontrar o blogue. Localizou rapidamente a ligação para o email do Anjo Negro. Clicou e ficou a contemplar o ecrã branco do mail.

Como havia de começar?

Mais valia ser franca. Sinceramente, não conhecia outra maneira de viver a sua vida ou de escrever.

*Querida Anjo Negro,
Encontrei o teu Homem-Gato desaparecido num abrigo local
para animais. Neste momento, está desmaiado no meu chão. Por
favor, responde-me depressa e diz-me o que queres que faça com
ele, pois sou muito alérgica e não tenho tempo para o educar.*

*Obrigada
Susan*

Parecia estar sob o efeito de uma medicação séria. Mas, que raio? Se isto era verdade, provavelmente começaria a precisar dela.

Voltou a ler o *post* sobre como o Anjo Negro perdera o patrão na noite anterior. Relanceando o homem no chão da sala, Susan sorriu maliciosamente.

— Bem, se eu perdesse uma coisa como tu, certamente que a queria recuperar.

Okeydokie, pensou ao enviar o mail. Agora precisava de pensar em como garantir a segurança do Homem-Gato de Seattle até ter notícias do Anjo Negro ou de Angie. *Hummm...* neste momento dava-lhe jeito ser alpinista, ou mesmo *serial killer*. Qualquer hóbi que lhe permitisse ter uma corda à mão. Mas não tinha.

Enquanto procurava na sala algo que pudesse usar, o seu olhar recaiu na coleira que tirara ao gato. Franzindo o sobrolho, dirigiu-se a ela e apanhou-a. Era a coisa mais estranha que já vira. O material parecia ao mesmo tempo metal e tecido. Era verdadeiramente estranho. E, infelizmente, demasiado pequena para usar no homem.

Tens algumas cordas de bungee no armário...

Serviriam?

A única coisa que podia fazer era experimentar.

Quando se dirigia ao armário, ouviu um toque no computador, indicando a chegada de correio. Esquecida das cordas, dirigiu-se ao computador e deteve-se ao ver um mail do Anjo Negro.

Enquanto o abria, mal podia esperar para ler o que a rapariga tinha a dizer.

Querida Psico Susan

Precisas de ajuda. A sério. Isto não é um jogo, mas suponhamos que, esticando muito a imaginação, não estás a mentir e o encontraste. No teu lugar, eu estaria de joelhos, a rezar. Porque, quando ele acordar, arranca-te o coração e ainda se vai rir, depois beberá o teu sangue e atirá-lo para a lixeira

mais próxima. Os metamorfos não têm sentido de humor e não suportam ser fechados, seja onde for. Além disso, não estou interessada em recuperá-lo. Ele voltará para casa quando estiver preparado.

AN

Susan contemplou as palavras, invadida por um sentimento de raiva. Que treta era aquela?

Estavam a gozar com ela, só podia ser isso.

E pensar que, por um minuto, quase se deixara levar...

Mas, então, e os relâmpagos?

Efeitos especiais. Francamente, quais eram as possibilidades? Entre toda a gente de Seattle, seria ela a encontrar o gato desaparecido que Leo a mandara investigar...

Era verdade que Leo e Angie estavam sempre a dizer que ela precisava de se soltar. Que maneira melhor que pagar a um tipo giro para lhe pregar uma partida?

— É isso, Gatinho — disse, ofendida com todos eles. — Está na hora de sair daqui.

Fechando a tampa do *laptop*, dirigiu-se ao homem inconsciente. Não se encontrava a mais de trinta centímetros dele quando um braço longo e musculado se estendeu e a fez tombar.

Um momento mais tarde, estava presa ao chão e a fitar os olhos mais negros que já vira.

Capítulo

QUATRO

RAVYN deteve-se a olhar para os olhos azul-claros que o abraçavam. Já para não dizer que tinha o corpo acolchoado pelas curvas mais suaves que já sentira, curvas que apenas lhe saberiam melhor se ela estivesse nua debaixo dele.

O cheiro de mulher misturado com perfume doce enchia-lhe a cabeça e era suficiente para silenciar a besta dentro dele. Perguntou-se como é que ela lhe entrara em casa enquanto dormia.

Levou dez segundos a lembrar-se de que não estava em casa. Mais cinco antes de se lembrar de tudo o que acontecera desde a noite passada. Aquela mulher, a Susan, tirara-o do abrigo para animais e levava-o para casa. Assim que lhe tirara a coleira, a sua magia suprimida causara um distúrbio.

Agora ele estava...

Prestes a ser esmagado pelo candeeiro que ela erguia para lhe bater. Rolando para longe dela, agachou-se, ao mesmo tempo que Susan avançava para ele com o candeeiro.

— Eh, eh, eh — gritou ele, desviando-o com o braço. — Que estás a fazer?

Ela obrigou-o a recuar com a ponta do candeeiro.

— Mantém as mãos junto do corpo, companheiro.

Ravyn debateu-se para desemaranhar os pés de um cobertor cor-de-rosa das *Powerpuff Girls*, enquanto se esquivava aos golpes dela.

— Pousa esse maldito candeeiro.

Ela recusou.

Demasiado ofendido para discutir, Ravyn tentou desintegrá-lo com a mente. Infelizmente, apenas conseguiu uma dor aguda na cabeça. Praguejando, pôs a mão na testa para combater a dor. Percebeu que usara a coleira durante tanto tempo que esta quase o despojara dos seus poderes. Estava completamente destituído da sua magia enquanto não tivesse tempo para a recarregar. Caramba!

Em vez disso, então, arrancou-lhe o candeeiro das mãos e simulou que ia bater-lhe com ele — não que alguma vez o fizesse mas, caramba, estava zangado, e aquele estúpido cobertor que parecia estar fundido às suas pernas, não ajudava nada. Irritado, pousou o candeeiro a seu lado quando finalmente conseguiu libertar-se da confusão que lhe enredava os pés.

A mulher parecia cada vez mais zangada com ele, à medida que tentava reclamar a sua propriedade.

— Sabes, isso não foi barato. Quero o meu candeeiro de volta.

Ele impediu-a de se aproximar e recuperar o candeeiro. Finalmente, obrigou-a a recuar, na direção do sofá de couro castanho.

— Pois, e as pessoas no inferno querem água fresca. Não quer dizer que a obtenham, especialmente quando alguém não consegue parar de me golpear com ela.

Olhou em torno da sala de estar espartana, grato por todas as persianas estarem cerradas e manterem a luz do dia lá fora. Toda a casa estava construída com linhas simples e contemporâneas, com tons de terra e um mínimo de mobília. Era óbvio que ela não gostava de nada demasiado detalhado, decorado ou complicado.

— Ainda é dia, não é?

— Achas?

Um tique começou a agitar-lhe o maxilar. A sua sorte continuava a aumentar.

— Faças o que fizeres, não abras aquelas persianas.

— Porquê? Vais começar a arder, ou algo assim?

Ele olhou-a de forma curiosa, mas não respondeu. Quem lhe dera ter força suficiente para arranjar roupas pelos seus próprios meios. Mas isso também teria de esperar, pelo que recuperou o maléfico cobertor cor-de-rosa do chão e enrolou-o à sua volta. Fez uma careta quando percebeu que a palavra *Puff* lhe cobria o pénis — pois, sentia-se muito macho nesse momento.

— Tens um telefone que eu possa usar?

Susan dobrou os braços por cima do peito. Tudo considerado, tinha de dar créditos a Leo e Angie, aquele tipo era delicioso — mesmo com o cobertor infantil enrolado ao fundo das ancas esguias. O cabelo preto à al-

tura dos ombros estava despenteado, mas combinava mesmo bem com as suas feições mal-humoradas. Enquanto ele passava uma mão pelo cabelo para o pôr no lugar, os músculos do braço e da ilharga fletiam de maneira sedutora.

Tinha a voz mais profunda que ela já ouvira — do género que ondulava pela espinha como uma carícia quente. A sua maneira de falar era estranhíssima, abrindo muito pouco a boca. Realmente, todo ele era sexo.

Não sabia onde é que o tinham encontrado mas, dada a sua constituição e beleza, devia ser um *stripper* da zona. Isto explicaria que se sentisse tão confortável nu em frente de uma perfeita desconhecida.

Mas, já que se tinham dado a tanto trabalho, ela bem podia entrar no jogo e ver até onde o Sr. Musculoso levava a charada.

— Um telefone? Para quê? Não podes fundir a mente com o teu povo-gato?

Ele sorriu-lhe desdenhosamente, como se tivesse ficado ofendido.

— Vês muita televisão?

— Muito pouca.

Ele não parecia nada divertido.

— Então, arranjas-me um telefone, ou não?

— Vais telefonar a quem?

— A alguém que me tire daqui.

— Porque não disseste logo? — atirou-lhe o telemóvel.

Ravyn não sabia bem se a sua rápida capitulação o divertia ou irritava. Decidindo-se pela primeira, abriu a tampa e marcou o número de Erika.

«Fala a Erika. Neste momento, não posso atender. Por favor, deixe o seu nome e número e ligarei mais tarde.»

Ele olhou para o relógio da parede. Passava pouco das quatro da tarde.

— Caramba, Erika. Onde estás? Não estás nas aulas e devias estar em casa a estudar, com o telefone ligado. Sou eu e preciso que me tragas roupa e me venhas buscar pronto. Liga-me para instruções — aborrecido com a sua Escudeira caprichosa, premiu o botão de CANCELAR.

Ligou o número de Acheron.

Outro correio de voz. Fantástico! Ele detestava aquelas coisas. Desligando, resmungou do fundo da garganta. Pensou em ligar a outros Predadores da Noite de Seattle a avisá-los da revolta *Appolite*, mas decidiu que isso podia esperar um pouco. Ou estavam em casa, seguros, ou estavam mortos. Nesse caso, não havia nada que pudesse fazer por eles.

Relanceou a mulher que continuava a observá-lo com um estranho olhar de perturbação.

— Calculo que não tenhas roupas para me emprestar?

— Desculpa. Homens XL não é a minha especialidade. Não podes fazer aparecer umas roupas?

— Neste momento, não.

Ela lançou-lhe um olhar malicioso.

— Deixa-me adivinhar: precisas de recarregar as baterias, ou algo do género?

A mulher era estranhamente astuta.

— Sim.

A descrença no seu rosto era quase cómica.

— Tenho umas blusas cor-de-rosa que talvez não sejam más.

— Preferia ir nu.

— Como queiras. Tanto me faz.

— Então, estamos empatados — a par com a paciência, a modéstia nunca fora a sua virtude. Mas uma coisa que detestava era estar com pessoas que não conhecia. Além disso, também não gostava de estar com pessoas que conhecia. Preferia, de longe, a solidão. Esta não podia traí-lo.

Ela inclinou a cabeça.

— Seja como for, há quanto tempo conheces o Leo?

— Leo quê?

— Kirby.

Ele franziu o sobrolho. Conhecia Leo, indiretamente, há anos. Como a sua Escudeira substituta, Erika, Leo era um dos humanos que servia os Predadores da Noite. Empregados pagos, ajudavam a manter o mundo paranormal escondido do resto da humanidade, que entraria em pânico se soubesse que tipo de bestas não-humanas rondavam à noite, aguardando o momento de atacar.

— És uma Escudeira?

— Não, sou uma Michaels.

Ele revirou os olhos. Devia ser a maior sabidinha do planeta; bem, talvez a segunda maior, a seguir a Erika.

— Não é isso que quero dizer e tu sabes. Trabalhas com o Leo?

— Claro que sim. Por que outra razão estarias aqui?

Ravyn acenou com a cabeça. Isto explicava a sua atitude arrogante. Por razões que desconhecia, a última geração de Escudeiros parecia ter um problema em relação aos seus deveres.

— Porque não me disseste que trabalhavas com ele?

— Pensei que sabias.

— Está bem. Da maneira que vocês vão e vêm, é impossível recordar mais do que um ou dois ao mesmo tempo.

Ela fez um aceno de concordância.

— O Leo tem jeito para despedir as pessoas. Como te convenceu a fazer isto?

— Isto, o quê?

— Aparecer aqui, nu, para gozar comigo.

Pois... como se Leo pudesse *alguma vez* ter feito isso.

— Não fez. Parto do princípio que ele te enviou para me tirares do abrigo.

— Calculo que o tenha feito, de uma maneira indireta. Diz-me uma coisa, como é que fizeste aquele truque há bocado?

Ravyn fez uma careta.

— Qual truque?

— Aquele do gato. Como é que te transformaste?

Porque é que os humanos queriam sempre a resposta a essa pergunta? Mesmo que explicasse, eles não podiam fazê-lo.

— É magia — respondeu sarcasticamente. — Murmuro *hocus-pocus* e transformo-me logo num gato.

Susan semicerrou os olhos.

— Suponho que é uma melhoria. O último tipo que tive em casa só era capaz de se transformar num porco bebedor de cerveja.

Ravyn não pôde evitar uma gargalhada curta por causa do tom seco dela. Tinha de lhe dar esse crédito, o seu sentido de humor era rápido, e ele era suficientemente extravagante para apreciar isso nas outras pessoas.

De repente, ele ficou exausto. Não pudera dormir desde que os *Ap-polites* o tinham capturado — se dormisse, voltaria instantaneamente à forma humana, o que teria resultado na explosão da sua cabeça. Agora, sentia uma necessidade profunda de repouso.

— Posso ocupar a cama até esta noite?

Os olhos dela abriram-se.

— Desculpa?

— Preciso de dormir. Percebes? A razão por que me tiraste do abrigo? Disseste que o Leo te mandou, não foi?

Susan pôs as mãos nas ancas e lançou-lhe um olhar intenso que mostrava que a ideia não lhe agradava.

— Sim, mas não para te deixar dormir na minha cama. Isto não é um albergue para indigentes, sabes?

Isto provocou-lhe ira.

— Que está a acontecer ao código dos Escudeiros? Lembro-me de uma época em que este tinha algum significado.

— Qual código dos Escudeiros?

— Aumenta a dose de *gingko*, querida. Não te lembras do que tiveste de adotar quando foste trabalhar para o Leo?

Os olhos dela lançaram fogo azul em cima dele.

— O Leo não me fez prometer nada, além de deixar a minha sanidade em casa.

A sua irritação triplicou

— Isso faz sentido. Deves ser de primeira geração.

— Que é que isso tem que ver?

— Explica porque não conheces melhor o teu trabalho.

Ela atravessou a sala para ficar mesmo em frente dele, olhando-o com fúria.

— Desculpa? Eu não conheço o *meu* trabalho? Pelo menos, não sou eu que estou nua em casa de um estranho, agarrada a uma manta para tapar as *minhas* partes vitais — fulminou-o com um olhar que era tudo menos elogioso. — Quem diabo és *tu* para *me* dares sermões acerca do que *eu* devia estar a fazer?

— Sou um Predador da Noite.

Susan ficou rígida. Ele disse-o como se essas palavras explicassem tudo.

— E isso deveria ter algum significado para mim?

Ele fez beicinho.

— Claro que sim. Que raio vos deu a todos, que já não querem saber de nós? Nem dos vossos deveres? Os *Daemones* convenceram-vos a trabalhar para eles também?

De que falava ele?

— Quem são os *Daemones*? Da última vez que verifiquei, o jornal era propriedade dos Kirby.

Ele fez novamente beicinho.

— Como se não soubesses quem são. Olha, Susan, eu não tenho tempo para tu mo fazeres perder. Preciso de dormir antes desta noite. Temos muito que fazer e preciso que contactes por email o resto do teu grupo para os informar do que está a acontecer.

Caramba, ele tinha lata. Nunca vira ninguém tão mandão e seguro de si mesmo. Especialmente, dando-se o facto de estar ali em pelo.

— Desculpa, tenho cara de ser tua secretária particular ou escrava? Não. Não és meu proprietário. Nem sequer te conheço e pouco me importa que fiques giro despido na minha sala de estar. Não aceito ordens de ninguém. Por isso, ali está a porta...

— Sabes que não posso sair. É dia lá fora.

Ela lançou-lhe um olhar cómico.

— Bem, é o que acontece quando a grande bola amarela aparece por cima das montanhas. Fantástico, não é?

Ravyn tinha vontade de a asfixiar. E ele que pensara, estupidamente,

que Erika era difícil de roer. *É o que acontece quando pensas que não pode haver um Escudeiro pior... eis a Erika, daqui a uns quinze anos.*

E Acheron pensava que salvar a humanidade dos *Daemones* não era nada. Que os deuses o salvassem de mulheres como aquelas duas.

Exatamente quando ele abria a boca para falar, houve uma batida na porta da frente.

Ravyn trocou um franzir de sobrolho surpreendido com Susan. Um pequeno arrepio anormal percorreu-lhe a espinha. Visto que era dia, não podia ser um *Daemon* nem um *Appolite* — a luz do Sol fritá-los-ia num instante.

No entanto, era o que parecia. Não era possível negar nem desculpar aquela sensação única.

O que significava que era um meio sangue. Apenas um meio *Appolite* seria capaz de desencadear aquelas sensações e ainda andar à luz do dia sem morrer.

— Menina Michaels? — chamou uma voz masculina e profunda através da porta.

Susan encaminhou-se para esta e Ravyn deteve-a.

— Não!

— Não? — repetiu com a voz gélida. — Rapaz, não sou a tua puta. Tu não me dás ordens. Nunca — Susan libertou-se do seu aperto.

Ravyn amaldiçoou a teimosia dela. Algo não estava bem. Sentia-o com cada um dos sentidos intensificados que possuía.

Susan ignorou-o e abriu a porta, dando com dois polícias uniformizados no alpendre. Um deles era incrivelmente alto, cerca de um metro e oitenta, ou mais, com cabelos louros, curtos, e olhos castanho-escuros. O outro agente era moreno, apenas uns dez centímetros mais alto que ela.

— Posso ajudar?

O moreno ergueu o olhar para o loiro, como se o responsável fosse ele.

— É Susan Michaels? — perguntou o agente louro.

Ela fez que sim.

— Esteve no Abrigo para Animais de Seattle há pouco tempo?

— Há algum problema?

O louro dirigiu-lhe um sorriso tão falso que alguém o podia publicar num anúncio de pasta de dentes.

— Nenhum. Só que deixou as instalações com um gato que não era para adotar. Viemos buscá-lo.

Todos os nervos do seu corpo se alarmaram. Por que razão dois polícias...

Oh, espera. Jimmy. Devia ter sido ele a metê-los nisto, só para a irritar. Susan olhou-os inexpressivamente.

— Vocês não têm nada melhor para fazer, como investigar crimes a sério, ou algo assim?

— Trata-se de uma questão de segurança pública, minha senhora — informou o polícia com gravidade. Ela teve de lhe dar crédito. Era muito melhor ator do que Angie. — Esse gato é extremamente feroz e pode ter raiva.

Sem dúvida que era.

— Bem, receio que tenham chegado demasiado tarde. O gato já se transformou no senhor Super-Modelo e instalou-se em minha casa. Não sei quanto é que o Jimmy vos pagou para fazerem isto, mas fosse o que fosse, tenho a certeza de que não foi suficiente. Tenham um bom dia, cavalheiros — fechou a porta.

Porém, antes de se afastar, ouviu uma voz débil:

— É ela, e ele está aqui na forma humana. Não o quer entregar. Que quer que façamos?

Susan desdenhou quando ouviu outra voz responder-lhe, mas não conseguiu distinguir as palavras.

— Sim, senhor.

Houve uma breve pausa, depois ouviu passos no alpendre. Ao princípio, pensou que os polícias se iam embora. Mas, em vez de se afastar, o som aproximava-se.

— Ele disse para matarmos o Predador da Noite e levarmos a mulher outra vez ao abrigo, para ser interrogada. Se nos der problemas, matamo-la também.

O coração dela encolheu. Tinham de estar a brincar... não era? Aquilo não era real. Não podia ser.

— Eu disse-te para não abrires, não disse? — rugiu Ravyn enquanto a afastava da porta.

Dois segundos mais tarde, a porta da frente abriu-se. Os dois agentes uniformizados apontaram-lhes as armas.

— Não se mexam.

Ela levantou as mãos, assolada pelo medo. Agora estavam a ir demasiado longe.

— Que quer dizer isto?

Eles não responderam e ela viu chegar outros dois homens à civil. Grandes e duros, ambos aparentavam ter um cadastro de causar orgulho a Scarface.

Ravyn refletiu em silêncio sobre como lidar com aquilo. O louro alto era, sem dúvida, meio *Appolite*, mas os outros três eram humanos. Pelo código dos Predadores da Noite, ele não podia fazer mal a humanos. Porém, nunca vivera segundo outro código que não o seu próprio. Para já, tinha de agir rapidamente para se manter vivo e manter Susan segura.

— Susan...

Ela viu-o reagir instintivamente.

Mergulhou para junto dela ao mesmo tempo que os policiais abriam fogo sobre ele. Ravyn praguejou enquanto as balas lhe cortavam a carne. Não o matariam, mas isso não queria dizer que não o magoassem.

Susan ficou momentaneamente atordoada pelo que estava a acontecer. Não era uma partida. Estavam a tentar matá-lo e levá-la. O horror de tudo isto deixou-a imóvel, a olhar o sangue que escorria do corpo de Ravyn, enquanto este a protegia do fogo.

— Continua a mexer — disse um dos rufias ao agente louro.

— As balas não o matam. Abram as persianas.

Susan ouviu Ravyn praguejar antes de lhe sussurrar ao ouvido:

— Corre para a porta de trás enquanto os distraio.

Afastou-se dela quando os homens começaram a tirar as persianas das molduras, deixando o sol da tarde espalhar-se pela sala.

Isto é a minha casa, seus cretinos, era o que lhes queria gritar, mas mudou de ideias. Não pareciam estar na mais razoável das disposições enquanto crivavam a sua casa de balas. Estava surpreendida por não ter sido atingida no meio da confusão.

Ravyn bufou quando um raio de Sol lhe atravessou a pele. O que a surpreendeu mais, porém, foi que a pele dele empolou e começou a deitar fumo.

Não era normal e não era uma simulação, especialmente o cheiro, não o era... que se passava?

— Matem-no!

Ravyn largou o cobertor e empurrou-a para a parte de trás da casa.

— Vai!

— E tu?

Ele recuou quando voltaram a abrir fogo sobre ele.

— Vai, Susan! Corre!

Ela obedeceu, mas não foi longe. Correu para o armário, de onde tirou o taco de basebol que aí guardava para o caso de um intruso lhe entrar em casa. Estes, definitivamente, podiam ser qualificados assim. Infelizmente não tivera tempo de ir buscar a arma antes de tudo aquilo começar.

Susan voltou para a refrega. Ravyn caiu pesadamente no chão enquanto ela tentava atingir o rufião mais próximo.

Acertou-lhe no braço com força suficiente para o fazer largar a arma. Em seguida, desferiu-lhe outro golpe com toda a força, atingindo-o na cabeça. Ele caiu pesadamente no chão. O polícia moreno virou-se para ela e fez pontaria. Susan baixou-se enquanto ele descarregava a arma na parede.

Ravyn estava aturdido e o seu corpo fumegava. A luz do dia rodeava-o agora de tal forma que mal se podia mexer.

Viu Susan atingir o outro rufia enquanto o polícia meio sangue o agarrava pelo tornozelo e tentava arrastá-lo para a luz que batia no chão. Doeram-lhe todas as fibras do corpo quando viu o agente agarrar Susan por trás. O brutamontes tirou-lhe o taco da mão e espetou-lho na barriga. Ela gritou antes de se dobrar com a dor.

Que se lixasse. Ia entrar no jogo deles. Como Predador da Noite, nunca devia atacar um ser humano, mas os humanos nunca tinham estado numa posição muito elevada na sua estima e não ia morrer e deixar aqueles canalhas fazerem o que quisessem com Susan. Por mais chata que fosse, era uma Escudeira e isso outorgava-lhe um certo grau de proteção.

Já para não dizer que não fazia parte do seu carácter genético assistir pacificamente a estas coisas e, visto que um daqueles sacanas era em parte *Appolite*. . . bem, ele conhecia uma maneira de rejuvenescer os seus poderes enfraquecidos. *Appolites* e *Daemones* gostavam de se alimentar de Predadores do Homem, não só para lhes roubar a alma mas também os poderes psíquicos.

O canal funcionava em ambos os sentidos. . .

Com a raiva a aumentar, Ravyn pontapeou o agente que o segurava. Sentiu a besta dentro de si rugir e assumir o comando. A sua visão deixou de ser humana e transformou-se na de um predador vicioso.

Baixando a cabeça, ignorou as balas que o crivavam enquanto corria para o meio *Appolite* e o segurava pela cintura.

— Grande estúpido — rugiu, virando-o de costas. — Devias ter trazido um *Taser*.

— Deem-me um tiro — gritou o agente louro para os outros dois que ainda estavam de pé. — Depressa!

Susan parou de se debater quando viu Ravyn. Este segurava o agente louro diante de si, mas o que a surpreendeu foi o facto de os seus olhos já não serem pretos. Agora eram de um vermelho-escuro insidioso. Ele inclinou a cabeça para trás e abriu a boca, deixando-a ver incisivos longos e afiados. Os outros homens na sala imobilizaram-se como se estivessem tão aterrorizados quanto ela.

Antes que ela pudesse soltar a respiração contida, Ravyn enterrou os dentes no pescoço do polícia.

Eu não acredito em vampiros. Eu não acredito em vampiros. . .

A litania repetia-se uma e outra vez na mente dela, enquanto via o sangue escorrer pela camisa do agente, que procurava libertar-se de Ravyn. Este segurava-o sem esforço, apenas com um braço.

De repente, os dois brutamontes abriram fogo sobre Ravyn e o polícia que este segurava. Todo o corpo do agente estremeceu em resposta às balas que o golpeavam, e os seus olhos ficaram vidrados e sem expressão.

Ravyn riu diabolicamente ao deixar o corpo sem vida afundar-se lentamente no chão a seus pés.

Estendeu as mãos e uma espécie de onda invisível atravessou a sala, derrubando os dois homens. Os seus olhos combinavam com o sangue vermelho que ainda lhe escorria do queixo e, sobre o seu corpo, apareceram roupas pretas.

— Rapazes, não devem bater à porta do demónio, a não ser que queiram que ele a abra — aconselhou com uma voz profunda e maléfica. Limpou o sangue do queixo.

— E-eles disseram que não nos atacaria — gaguejou um dos brutamontes num tom assustado.

— *Eles mentiram.*

Uma força invisível arrancou Susan dos braços do polícia que a segurava. Ravyn avançou rapidamente para o brutamontes mais perto de si e bateu-lhe com tanta força que este voou a um metro de altura e esbarrou na parede, que se esborouu. O agente moreno correu para Ravyn, que rodopiou e lhe desferiu um poderoso golpe no maxilar. O som de ossos a partirem ecoou na sala enquanto o agente disparava mais tiros.

Os olhos de Ravyn tornaram-se de um vermelho ainda mais brilhante antes de ele agitar a mão. As balas ficaram suspensas no ar por um momento, antes de inverterem direção e atingirem o agente.

Susan não conseguia respirar, olhando a carnificina dos quatro homens que lhe tinham entrado em casa. Agora, o único que continuava de pé era...

O *stripper* masculino.

— Por favor, diz-me que estou a ter um *flashback* dos ácidos.

Os olhos dele voltaram a ficar negros.

— Tomas ácidos?

Ela só conseguiu fazer que não com a cabeça enquanto uma estranha frieza lhe invadia todas as partes do corpo. Isto não podia ser real. Não podia ter visto o que acabara de ver.

Estou a ter um episódio psicótico.

Talvez eles não estivessem mortos. Talvez tudo isto ainda fizesse parte da partida de Leo. Deu um passo na direção do polícia louro, para lhe sentir a pulsação... mas não havia maneira de lhe premir o dedo na carótida, visto esta já não estar intacta. Fora arrancada.

E não era um truque de maquilhagem. Era real. Repugnante e real. A certa altura, ela estivera na secção policial e vira mais cadáveres do que gostaria. Isto não era uma simulação. O seu *stripper* acabava de matar quatro homens na sua casa, o que a tornaria cúmplice se não o denunciasse.

— Temos de ir à polícia — disse, num tom estranhamente sereno. — Contar-lhes o que aconteceu.

Ele abanou a cabeça.

— Não podemos ir à polícia. Eles estão metidos nisto.

— Não, eles hão de...

— Susan — interrompeu ele, abanando-a levemente. — Olha para mim.

Ainda que ela quisesse fugir, manteve-se quieta e fixou aqueles sinistros olhos pretos.

— Isto não é um jogo. Não ouviste o que o teu amigo te tentou dizer? Há merda da grossa a acontecer aqui. Agora que eu sei o que está a acontecer, posso tomar conta de mim, mas tu és outro caso. Temos de te levar para um santuário antes que venham mais ter *contigo*. Compreendes?

— Mas eu não fiz nada de mal. Não fui eu que os matei. Foste *tu*.

— Bobby? Allan? Que se passa? Já apanharam a mulher?

Ela ficou sem respiração quando ouviu o rádio do agente. Estariam mais lá fora, prontos para entrar?

— Bobby? Responde. Terminado?

Ravyn praguejou quando ouviu passos pesados lá fora.

— Estão mais dois homens a subir a rampa.

— Como sabes?

Antes de ele poder responder, a porta foi aberta com um pontapé. Ravyn empurrou-a para a cozinha antes de derrubar os dois humanos. Deu um passo em frente e percebeu que estes eram mais espertos que os outros... tinham a única arma capaz de o incapacitar. Um *Taser*. Um tiro e a eletricidade faria ricochete nas suas células, transformando-o de gato em homem e de homem em gato, sem que ele o pudesse controlar. A sua magia ficaria descontrolada e não se poderia defender.

Por mais que o detestasse, era o momento de fugir. Mudando para a forma de gato, correu atrás de Susan, que se dirigia à porta das traseiras.

— *Temos de chegar ao teu carro.*

Susan ficou gelada ao ouvir a voz masculina na sua cabeça e ver o pequeno leopardo de volta a casa.

— Por favor, digam-me que estou a ter uma alucinação induzida pelo *stress*.

Sempre era melhor que ter perdido completamente a cabeça.

Porém, insana ou não, precisava de sair dali até conseguir perceber o que estava a acontecer. Visto não haver nenhuma maneira de chegar à porta da frente sem enfrentar os dois recém-chegados, pegou no conjunto de chaves suplente que estava no bengaleiro da porta das traseiras. Saiu apres-

sadamente enquanto as balas se alojavam na parede a seu lado, falhando por pouco.

Demasiado assustada para olhar para trás, correu para a rampa e percebeu que estava cercada. Diabos! Outro tiro ressoou antes de a janela do passageiro do *Toyota* se estilhaçar. Susan agachou-se para contornar o carro até ao lado do condutor. Não se atreveu a olhar para trás antes de abrir a porta.

Não conseguiu ver nada até o pequeno leopardo saltar porta fora, encaminhando-se para ela. Antes que Susan se pudesse mexer, ele saltou para o banco de trás do carro.

Decidindo não entrar em discussão, ela entrou, fechou a porta e ligou o motor.

— *Baixa-te!*

Normalmente não obedecia às ordens de ninguém, menos ainda às de uma voz incorpórea na sua cabeça, mas dada a estranheza daquele dia, optou por não discutir nem hesitar. Assim que se baixou, o *Toyota* foi atingido por mais balas.

— Isto é ridículo!

Furiosa com os danos causados ao carro, ligou o motor enquanto mais tiros eram disparados. O carro sacudiu-se ao entrar no pátio da vizinha e derrubou a cerca branca do seu jardim.

— A Jenna vai matar-me.

Mas lidaria com a vizinha mais tarde, supondo que sobreviveria a isto e teria um mais tarde.

O coração batia-lhe com força e ela soergueu-se para ver para onde ia. À distância, ouviu o som de sirenes. A parte mais sã de si mesma queria ir na direção deles, mas pensou melhor. Eram polícias que estavam à sua porta...

Jimmy estava aterrorizado com os seus colegas de uniforme. E se aquela parte da psicose dele fosse real? Ela sabia mais acerca da corrupção da polícia do que qualquer ser humano tinha o direito de saber e, embora sempre tivesse considerado os polícias de Seattle muito mais honestos do que os outros, podia haver algumas maçãs podres no cesto.

— Preciso de falar com o Jimmy — disse ela baixinho. Era o único polícia em quem confiava.

— *Vai para Pioneer Square.*

Ali estava aquilo outra vez... aquela profunda voz masculina na sua cabeça que agora reconhecia como a de Ravyn.

— Porquê? — oh, santo Deus, agora começava a entrar naquela história do gato falante. Fantástico.

— *Confia em mim. First Avenue South, 317.*

Claro, porque não?

— Quem vive aí? A Família Addams?

— *Sim.*

Claro, quem mais poderia ser?

— Isto é um raio de uma ilusão que estou a ter. Só espero que o que quer que me tenha posto neste coma não cause danos duradouros.

— *Já que fui eu que fiquei com todos os ferimentos de balas, não te quero ouvir dizer isso.*

— Dá-me uma trégua, Gato das Botas. Estou a ter um dia péssimo.

— *Ditto.*

Decidindo dar ouvidos à voz que soava como a sua, encaminhou-se para a clínica.

— *Este não é o caminho para Pioneer Square.*

— Sim, voz na minha cabeça. Eu sei disso. Mas estou a fazer as coisas à minha maneira, por isso, vai-te catar!

Pelo menos, era o seu plano até chegar ao abrigo para animais e o ver cercado por fita amarela. O coração subiu-lhe à garganta para a sufocar quando viu o médico legista, pessoal dos jornais, polícias e uma multidão.

Que acontecera?

Uma parte dela queria ir verificar mas, estando o seu carro neste momento crivado de buracos de balas, podia não ser a coisa mais prudente a fazer, pelo menos até descobrir o que estava a acontecer e por que razão a polícia parecia estar atrás dela. Não, precisava era de sair dali. Mas para onde podia ir?

Leo.

Ele era...

— Oh, não digas isso — murmurou. Não podia acreditar que, logo ele, era a sua tábua de salvação. E, no entanto, não era capaz de pensar em mais ninguém que pudesse saber por que razão a polícia estava no abrigo. Tirando o telemóvel do cinto, marcou 3 e aguardou.

— *Yo?*

Nunca na vida ficara mais arrepiada por ouvir aquela voz sinistra de rapazinho que ele tinha.

— Leo?

— Susan? És tu?

— Sim, e eu...

— Ouve — interrompeu-a ele de forma contundente. — Não fales — o seu tom grosseiro irritou-a mas, por uma vez, não discutiu. — Aconteceram algumas coisas estranhas esta tarde. Por acaso vais estar hoje com a tua amiga Angie?

— Sim. Porquê?

Ele ficou calado por um segundo.

— Onde estás agora?

— No meu carro.

— Ainda tens o gato?

Se ainda tivesse dúvidas de que o Leo estava metido naquilo, isto eliminava-as. Como poderia saber que ela levava um gato do abrigo para casa?

— Sim. O Gato das Botas está em segurança.

— Oh, graças a Deus — havia um grande alívio injustificado na sua voz. — Faça o que fizeres, não percas o gato de vista.

— Porquê?

— Confia em mim — ouviu um som abafado, como se Leo estivesse a cobrir o telefone com a mão. — Diz-lhes que é só um segundo — voltou a falar com ela. — Tenho de ir. Tens de ir à First Avenue South, 317. Esconde-te aí e eu apareço assim que puder — desligou.

First Avenue South 317. Outra vez a mesma morada. Que se passaria nesse sítio? Decidindo que seria importante para a sua mente ilusória, sucumbiu e dirigiu-se para lá.

Susan desejava realmente saber o que pensar enquanto conduzia através do relativamente tranquilo trânsito de Seattle. Ouvia o gato a mexer-se de vez em quando no banco de trás, mas a maior parte do tempo ficou sossegado.

Até, finalmente, chegarem a Pioneer Square.

— *Dá a volta para o cais de cargas lá atrás.*

Convencida de estar completamente insana, fez o que a voz incorpórea dizia, depois estacionou o carro. Os seus nervos receberam um choque particular quando abriu a porta e saiu. Quase esperava que o gato saltasse mas, em vez disso, ficou deitado no banco de trás... completamente coberto de sangue. O coração dela ficou apertado com a visão.

Estava morto?

Aterrorizada, abriu a porta de trás. Tocou no ombro do gato, que lhe bufou.

— Calma — disse ela, recuando. O gato levantou-se lentamente e conseguiu coxear para fora do carro, até ao cais.

— Eh! — disse bruscamente um jovem bonito com cabelos pretos, curtos. — Não pode estacionar... — a voz extinguiu-se-lhe quando viu o gato.

Empalideceu instantaneamente, antes de gritar para dentro de casa:

— Mãe, está aqui o Ravyn! Código Vermelho!

Tirou um cobertor grosseiro de uma pilha num canto do cais, depois saltou para o enrolar em volta do gato.

Cuidadosamente, pegou no felino, aninhou-o nos braços e levou-o novamente para o cais de cargas.

Sem saber bem o que devia fazer, Susan trancou o carro (e perguntou-se imediatamente por que se dava a esse trabalho, visto que a janela fora completamente destruída pelos tiros e o resto do carro parecia ter sobrevivido a uma zona de guerra — mas, que fazer, os velhos hábitos costumam a morrer) e seguiu-os para o cais, que conduzia a um pequeno armazém. Assim que o rapaz fechou a porta e pousou o gato no chão, Ravyn voltou a ser humano. Apoiou uma mão ensanguentada e empolada com força na parede do lado direito e manteve a cabeça baixa, como se estivesse exausto.

Claro, como não? Ele *era*, realmente, o gato. Fazia mais ou menos tanto sentido como o resto do dia. E, já que estava louca, pelo menos ele tinha o mais belo traseiro nu que alguma vez vira, a não ser pelo facto de haver demasiados buracos de bala em cada centímetro da sua carne à mostra.

Mas ele apenas esteve nu por alguns segundos antes de um par de *jeans* e uma *T-shirt* lhe aparecerem em cima. A *T-shirt* não demorou muito a ficar saturada de sangue.

Susan encolheu-se ao vê-lo. Como podia estar vivo, já para não dizer, de pé? *Limita-te a acompanhar a ilusão, Sue. Que raio?*

— Ele precisa de uma ambulância — explicou ao rapaz.

Ravyn ergueu a cabeça e olhou-a por cima do ombro. Tinha uma gota de sangue nos lábios e, pela primeira vez, ela viu-lhe as presas quando ele falou.

— Vou ficar bem. Só preciso de dormir um pouco.

— Tenho de começar a tomar drogas — murmurou ela. — Pelo menos, assim terei uma explicação para isto tudo.

Uma porta do outro lado do armazém abriu-se e duas pessoas correram para dentro. Uma rapariga mais ou menos da idade do rapaz e uma mulher alta, de cabelos escuros, a meio dos cinquenta. A mulher deteve-se assim que viu Susan.

— Quem é a senhora?

Ravyn esfregou o braço que sangrava.

— Está comigo, Patricia.

Patricia lançou-lhe um olhar desconfiado, mas não discutiu.

— Que aconteceu? — perguntou a Ravyn, aproximando-se para examinar o buraco de bala que ele tinha no bicipite direito.

— Os *Daemones* declararam-nos guerra e uma parte da esquadra de polícia está do lado deles. Não sei como o conseguiram nem quantos têm, mas é o suficiente para exigir toda a nossa atenção. Afirmam ter morto pelo menos um Predador da Noite, não disseram quem, e quase me apanharam. Temos de avisar os outros imediatamente.

No rosto da mulher, a cor desvaneceu-se.

— Como é isso possível?

Ravyn abanou a cabeça.

— Não sei, mas eles virão atrás de todos nós, um a um.

Patricia virou-se para a rapariga atrás de si, que era uma versão mais jovem dela própria — obviamente, era sua filha.

— Alicia, começa a fazer os telefonemas — depois olhou para o rapaz que fora ter com eles ao cais. — Jack, quero que arranjes alguém para ir avisar o Cael. Como vive com *Appolites*, é provavelmente o que corre mais perigo, e nunca atende o telemóvel antes do sol-posto.

— Está bem, mãe — Jack partiu imediatamente para lhe obedecer.

Susan estava completamente perplexa com a conversa da mulher. *Appolite*? Que era isso? Uma espécie de gasosa de dieta? E que diabo era um *Daemon*? O mais parecido que vira era quando os seus mails eram devolvidos pelo *mailer-daimon*.

Alicia entregou mais ligaduras à mãe antes de ir fazer o que esta mandara.

Assim que ficaram sozinhos, Patrícia foi buscar uma pequena mala de médico.

— Temos de te tirar essas balas para poderes sarar.

Claro, e porque não dar ao homem um pedaço de couro para morder enquanto o fazia? Até que ponto esta gente era atrasada?

— Ele precisa de um médico — insistiu Susan.

Patricia ignorou-a, começou a dispor os utensílios numa mesa próxima e Ravyn sentou-se num banco.

— Tens a certeza de que ela é uma Escudeira?

Ravyn encolheu os ombros.

— Ela disse que trabalhava com o Leo.

Patricia fez uma pausa.

— Com... ou para?

— Para — esclareceu Susan.

Isto atraiu toda a atenção de Ravyn, que virou para ela aqueles olhos negros profundamente aborrecidos.

— Não és uma Escudeira?

Antes que pudesse responder, a porta voltou a abrir-se.

— Mãe — disse Jack. — Temos um problema sério.

— O quê?

Jack ergueu uma televisão *Sony* portátil que dava notícias de última hora.

Susan ficou gelada quando viu as câmaras apontadas à sua casinha de Cape Cod.

«De acordo com a polícia, três homens não identificados e dois agentes locais terão sido chacinados quando procuravam deter duas pessoas suspeitas do homicídio de uma veterinária local, do seu marido e de uma rececionista, esta tarde, num abrigo para animais.»

Ficou incrédula.

A cena mudou para um dos homens que perseguira Susan quando esta saía de casa. Estava coberto de sangue e tinha uma ligadura em volta da cabeça.

— Eu sabia que também lhe devia ter aberto a garganta — rugiu Ravyn.

«— Foi uma loucura — relatou o homem ao microfone. — Estávamos só a tentar vender assinaturas de uma revista e assim que batemos à porta eles puxaram-nos para dentro e mataram o meu amigo. Eu pensei que estava morto. Pensei mesmo. Se eu não me tivesse fingido de morto, tinham-me matado também. São loucos, *meu*, loucos!»

A imagem voltou para a apresentadora.

«Como podem ver, trata-se de um acontecimento extremamente inquietante. As autoridades anunciam uma recompensa por qualquer informação que as conduza ao paradeiro de Ravyn Kontis e Susan Michaels, os dois suspeitos dos assassinatos. Se virem algum deles, por favor não tentem detê-los, visto serem considerados extremamente perigosos. Liguem para a linha especial 555-1924 e informem a polícia da sua localização.»

Susan ficou de queixo caído quando viu uma velha fotografia sua e um retrato-robô de Ravyn. Seguiu-se uma imagem em que ela saía do abrigo para animais com a transportadora do gato. Jimmy tinha razão. Havia uma conspiração da polícia.

A visão obscureceu-se-lhe enquanto o coração disparava. Isto não podia estar a acontecer-lhe. Não podia.

Contudo, por mais chocada que estivesse, isso não era nada em comparação com a imagem que mostraram a seguir. Era novamente o abrigo para animais, com a fita amarela que o mantinha separado da pequena multidão.

«Temos, finalmente, o nome do casal que foi assassinado. Trata-se de Angela e James Warren. James, ou Jimmy, como era conhecido, era casado com Angela há cinco anos e sabia-se que visitava a mulher frequentemente na sua clínica...»

Susan cambaleou para trás até a parede a deter.

Angie estava morta? E Jimmy?

E *ela* era procurada pelos seus homicídios...

Do ponto mais profundo da alma, soluços intensos e dolorosos dominaram-na.

Ravyn encolheu-se quando ouviu o seu choro. Nunca fora capaz de suportar as lágrimas de uma mulher. Rasgaram-no por dentro e recordaram-no de um passado que preferia esquecer.

— Já vimos o suficiente, Jack.

Jack deitou um olhar de compreensão a Susan antes de desligar o ecrã e ir-se embora.

Patricia aproximou-se de Ravyn, mas este afastou-a.

— Dá-nos um momento, está bem?

Ela fez que sim e deixou-os sozinhos.

O coração de Ravyn doía pela dor que sentia naqueles soluços do fundo da alma. Mais do que ninguém, ele compreendia esse género de agonia. O tipo de perda que descia tão fundo dentro do ser que quase não se podia evitar entrar num frenesi histérico de raiva.

Ele fora criado para esse tipo de desgraça. A vida de um Predador do Homem era, no seu melhor, uma vida de enterrar familiares.

A sua ainda fora pior que isso.

Querida dizer-lhe que tudo ficaria bem, mas não era tão desapiadado que proferisse semelhante mentira. Na vida, não havia mais garantias que aquela que dizia que, quando estás na merda, alguém virá, sem dúvida, dar-te um pontapé.

Então, em vez disso, fez algo que não fazia há muitos séculos, puxou-a para os seus braços e embalou-a. Ela pôs os braços em volta dele, continuando a soluçar. Ravyn cerrou os dentes, atravessado por emoções desgarradas. Tal como ela, perdera tudo quando era mortal...

Até a sua vida.

Ela precisava de chorar aquilo. Deixar sair toda a raiva e agonia até estar exausta. Tudo o que ele podia fazer era dar-lhe algum conforto físico. Por pouco que fosse, era melhor que nada.

E era mais do que alguém lhe oferecera a ele.

Inclinou a cabeça para ela e fechou os olhos, enquanto Susan se colava a ele.

Assaltada por inúmeras recordações de Angie e de Jimmy, Susan sentia vontade de gritar. Eram amigos dela. Os seus *melhores* amigos. Ambos. Conhecia Angie desde criança, tinham brincado às casinhas e tinham-se mascarado juntas. Quanto a Jimmy, fora Susan que os apresentara. Até fora, por brincadeira, o “padrinho” de casamento deles.

Como podiam ter partido desta maneira? Quem tinha podido fazer-lhes mal?

— Porquê? — soluçou, desejando qualquer espécie de consolo. Qualquer espécie de resposta.

Mas não havia nenhuma. Era sem sentido e estúpido e doía tão profundamente que ela só queria arrancar a dor para fora de si.

Porque não acreditara em Jimmy? Porquê? Nunca devia ter deixado aquele abrigo sem que os dois estivessem com ela.

Agora, estavam mortos, e a culpa era *dela*, por ser tão estúpida.

No ponto mais profundo da sua alma, a raiva inchou ao recordar o medo que Jimmy tivera. A raiva permitiu-lhe reunir as forças e, quando dominou a dor, teve consciência de estar agarrada a um perfeito desconhecido.

Recuando, fitou aqueles olhos de obsidiana.

— Diz-me que diabo se passa aqui e não me mintas. Quero a verdade acerca do que aconteceu hoje.

Ele respirou fundo antes de replicar.

— Não és uma Escudeira, pois não?

A sua frustração cresceu.

— Estás sempre a perguntar-me isso. O que é uma Escudeira?

Ele pareceu enjoado ao ouvir a pergunta.

O olhar dela recaiu nos buracos das balas no seu peito, que já não sangravam. Tinha-os em toda a extensão dos braços, no pescoço, e as marcas de sangue na *T-shirt* preta traíam todos os lugares no peito e nas costas onde fora atingido. Contudo, ele comportava-se como se não passassem de um incómodo.

Susan tocou-lhe num buraco de bala no braço, que lhe rompera músculo e tecido. Não era maquilhagem nem um efeito especial, era real e era violento.

— Que és tu?

Ele agitou nervosamente o maxilar antes de responder.

— Em poucas palavras... a tua única esperança.

CINCO

LIMPANDO os olhos, Susan afastou-se dele e abriu a boca de espanto.

— A única esperança para quê, Homem-Gato? Para a morte? Para a bancarrota? Sabes, a minha vida ia andando... — parou a considerar o que ia dizer. — Bem, bastante mal, para ser sincera, mas pelo menos não havia ninguém a tentar matar-me nem a morrer à minha volta. Desde que te encontrei, a minha vida entrou na via rápida para a Cidade da Merda, sem saída à vista. Os meus melhores amigos estão mortos. Vi-te matar um total de cinco pessoas em...

— Quatro — interrompeu ele. — Foste tu que despachaste o outro, com o taco na cabeça.

Ele tinha mesmo que a recordar daquilo?

— E porque estava eu a fazer de Hank Aaron? Porque, estupidamente, levei um gato vadio para casa. Fiquei sem os oitenta e dois dólares que me custou tirar-te do abrigo, a minha casa está destruída, o meu carro transformou-se num queijo suíço e sei lá quanto devo à minha vizinha pela cerca à volta do canteiro das petúnias. Obrigada, Gato das Botas. A sério. Obrigada.

Ele olhou-a, perplexo.

— Nem acredito que estás a pensar em dinheiro numa altura destas.

— Em que devia pensar? — perguntou ela, com a voz a vacilar. — No facto de as duas pessoas que significavam mais para mim neste mundo terem desaparecido e eu nem sequer poder ir ao funeral porque toda a gente pensa que *eu* os matei?

Cerrou os dentes, dominada pela mágoa e pela frustração.

— Se eu tivesse dado ouvidos ao Jimmy e os tivesse tirado dali, estariam vivos. *Nunca* os devia ter deixado sozinhos! Estão mortos e a culpa é *toda* minha... Pois, é mesmo nisso que quero cismar — lutou contra as lágrimas que lhe picavam os olhos e o coração. Não era capaz de pensar em Angie e Jimmy naquele momento, pelo menos se quisesse permanecer funcional. A dor era demasiado intensa, demasiado severa para lidar com ela.

Conseguia ver compaixão nos olhos dele, enquanto lhe envolvia a bochecha na palma da mão quente e calosa.

— Olha, lamento muito o que lhes aconteceu. Mas tu não és responsável. Estás a ouvir? Estão mortos porque o Jimmy descobriu tudo acerca dos *Daemones* e foi suficientemente estúpido para pensar que lhes podia escapar. Acredita, ele não teria ido longe antes de o encontrarem e matarem, de qualquer maneira. Com a informação de que dispunha, estava morto mesmo antes de tu lá chegares.

Ela desdenhou das suas palavras.

— Se a ideia é fazer-me sentir melhor, não está a resultar.

— Eu sei — e, pela expressão do seu rosto, ela podia dizer que era sincero, enquanto lhe acariciava a bochecha com o polegar. — Hoje tiveste um grande choque — nos olhos dele, viu respeito e mais qualquer coisa que não conseguiu identificar. — Tens direito a um estado de confusão temporário, mas acredita-me quando digo que só te podes dar ao luxo de ser temporário. Agora, estás bastante confusa, mas tens um longo caminho à tua frente.

— E como é isso?

— Estás habituada a lidar com humanos que não têm capacidades psíquicas. Bem, querida, o mundo que tu conheces ficou bastante feio. Tudo o que o Jimmy te contou no abrigo é verdade. Vieste parar a uma guerra que a tua espécie nem sequer devia saber que está a acontecer. Esquece tudo o que pensavas saber acerca de física e ciências, e imagina um mundo onde a humanidade não passa de alimento para uma raça de pessoas que querem subjugar-vos.

Ela abanou a cabeça em negação.

— Não acredito em vampiros.

Ele abriu a boca para lhe mostrar o vicioso par de presas.

— Se queres sobreviver a esta noite, é melhor que comeces a acreditar.

Susan queria aproximar-se e tocar-lhe nos dentes, só para ter a certeza de que eram reais, mas sabia a verdade. De facto, até os vira em ação.

— Que és tu? A sério? Disseste que eras um Predador da Noite. Que é isso?

Ravyn hesitou. Ter passado trezentos anos como Predador da Noite e jurado nunca deixar os de fora do círculo saberem fosse o que fosse acerca do seu mundo era algo que estava profundamente enraizado nele. Mas estas não eram circunstâncias vulgares. Os *Daemones* tinham-na metido nisto e, se não lhe contasse a verdade, ela ficaria indefesa. Quer ela quisesse estar metida naquilo, quer não, estava-o.

— Os Predadores da Noite são imortais que juraram proteger a humanidade, perseguindo os *Daemones* que a perseguem.

— E os *Daemones* são?

Ele respirou fundo, pensando na maneira mais simples de lho explicar.

— Há muito tempo, na antiga Atlântida...

— A Atlântida também é real? — perguntou, fazendo uma careta.

— Sim.

Ela abanou a cabeça.

— Que vem a seguir? Unicórnios?

O atrevimento dela divertiu-o.

— Não, mas dragões, sim.

Ela semicerrou os olhos azuis para ele.

— Detesto-te mesmo — disse, numa voz carregada de veneno.

Ele ofereceu-lhe um sorriso simpático e deixou a suavidade da bochecha dela amaciar-lhe os dedos empolados. Ele devia estar a cuidar das suas próprias feridas e, no entanto, queria reconfortá-la primeiro. Isto não fazia sentido para ele. Era contrário a tudo o que era natural em si e, no entanto, ali estava, explicando-lhe um mundo que ela, sem dúvida, consideraria absurdo.

— Não te censuro. Provavelmente, eu também me detestaria se estivesse no teu lugar. Mas voltemos à Atlântida. Havia aí uma raça de seres que eram chamados os *Appolites*.

— Caramba, eu esperava mesmo que isso fosse uma bebida dietética de maçã.

Ele riu-se, depois estremeceu ao sentir uma dor aguda atravessá-lo.

— Não, definitivamente, não são nada disso. O seu nome deriva do facto de terem sido criados pelo deus Apolo. O plano dele era fazê-los dominar os humanos mas, como todos os planos mais bem concebidos, este rebentou-lhe na cara. Os *Appolites* viraram-se contra ele, matando a sua amante e o filho e ele amaldiçoou-os com a morte, para todos, aos vinte e sete anos. Uma morte lenta. Dolorosa.

— Aposto que adoraram.

— Claro. Escusado será dizer que não foi do seu agrado, e um grupo deles conseguiu perceber que podiam matar humanos e sugar-lhes a alma

para dentro dos seus corpos, prolongando assim a sua vida. Desde esse dia, sempre que os *Appolites* se aproximam do seu vigésimo sétimo aniversário, têm uma escolha — morrer, ou começar a caçar humanos e tornarem-se *Daemones*. O único problema é que as almas de que se alimentam não lhes eram destinadas. Em resultado, as almas começam a morrer assim que lhes entram no corpo. Se a alma morrer e eles não tiverem conseguido outra, também morrem.

Ela afastou-se e percorreu o rosto com as mãos, tomando consciência do horror de tudo aquilo.

— Então, andam numa busca constante para matarem e continuarem a viver.

Ele anuiu.

— E agora, parecem ter conseguido que alguns do vosso povo os ajudem.

— Porquê?

— Não sei. Agradece a Hollywood. A maioria dos humanos que os ajudam acredita erroneamente que os *Daemones* podem torná-los imortais, mordendo-lhes o pescoço e convertendo-os. Não podem. Ou nasceste *Appolite*, ou não. Não existe qualquer maneira de eles transmitirem aos humanos os seus poderes ou falsos meios de prolongarem a vida.

Ela abanou a cabeça, como se não conseguisse acreditar no que ouvia.

— Fazes ideia de como é difícil acreditar nisso?

— Sim. Bem, também podes não acreditar no Pai Natal, mas isso não significa que não haja alguém a deixar presentes para os miúdos na véspera de Natal.

Ela franziu o sobrolho.

— Que significa isso?

— Significa que, por trás de cada mito, há sempre algum grau de verdade.

Sobressaltada pela nova voz, Susan virou-se e deu com Leo na ombreira da porta, atrás dela. Nem queria acreditar, mas ficou realmente feliz por o ver.

— Olá, Ravyn — cumprimentou Leo.

Ravyn inclinou a cabeça para ele.

Leo encontrou o olhar de Susan.

— A Patricia tem de tirar os chumbos do Ravyn antes que as feridas saiam com eles lá dentro. Porque não vens comigo, enquanto ela o trata?

O seu tom *blasé* deixou-a estupefacta. Claro, porque não? Afinal, o homem, ou o Predador da Noite, ou que raio era, tinha mais chumbo no corpo do que a canalização da casa dela.

Era um comentário tão normal...

Esforçando-se para não revirar os olhos, Susan seguiu Leo para fora da sala e passaram pela mulher mais velha no corredor, que não falou com nenhum deles. Era evidente que Patricia não se sentia mais feliz com aquilo do que Susan.

Quando Patricia entrou no armazém de onde tinham acabado de sair, Leo conduziu Susan por uma escada de metal que levava a uma grande sala de conferências. Acendeu as luzes e segurou-lhe a porta. As paredes brancas e o teto preto conferiam à sala uma sensação de frieza e de contemporaneidade, que a mesa de conferência em vidro e as cadeiras em pele preta não aliviavam. Tinha a mesma atratividade de um tratamento de canais no dentista e algo na sala fê-la sentir-se como uma estudante chamada ao gabinete do diretor.

— Senta-te — mandou Leo antes de ela fechar a porta.

Não fazia parte da natureza de Susan cumprir as ordens de ninguém mas, de momento, estava demasiado cansada e perturbada para discutir. Só queria cinco minutos de paz para poder lamber as feridas e recompor-se.

— Estás bem?

— Oh, não sei — respondeu, sentando-se. O couro estalou sob o seu peso, o que não a fez sentir muito melhor acerca de si mesma e da sua situação. — Esta manhã, acordei e tomei o meu café e os cereais do costume. Fui trabalhar para o meu jornal manhoso e vi que a minha querida história fora trucidada e se transformara numa treta. O meu patrão chateou-me a cabeça porque eu não consigo deitar a realidade para trás das costas. Para me ajudar em relação a isso, manda-me localizar uma miúda que escreve acerca de um Homem-Gato que anda à caça no mercado. Depois, enquanto contemplo o total absurdo que é a minha vida, a minha melhor amiga liga-me e diz que tem a pista para uma história a sério, que vai recuperar a minha reputação. Só que essa história, afinal, é sobre os polícias que ajudam os vampiros a comer-nos. Adoto um gato, a que sou alérgica, porque a minha amiga é paranoica. Levo-o para casa e vejo-o transformar-se exatamente naquilo que o meu excêntrico patrão me mandara encontrar. Logo a seguir, a minha casa fica destruída. O Homem-Gato come um gajo diante de mim e os melhores amigos que tinha no planeta estão agora mortos.

Deteve-se para fixar um olhar zangado na expressão pétrea dele.

— Bolas, não sei bem como devo sentir-me neste momento. Se tens uma pista, podes revelar-ma? Isto não se encontra propriamente no âmbito das minhas experiências passadas. Estou cansada, estou aturdida e a única coisa que quero é ir para a cama e deixar que tudo isto seja um pesadelo terrível. Mas tenho o mau pressentimento de que, quando amanhã acordar, vai ficar tudo pior.

Leo dirigiu-lhe um sorriso compreensivo e aproximou-se da cadeira dela. Pousou-lhe uma mão gentil no ombro.

— Lamento muito, Susan. Mas queria que tu...

A porta abriu-se e mostrou um grupo de dois homens e duas mulheres que se lhes juntavam. O primeiro a entrar foi um homem alto, de cabelos escuros, com uma expressão letal. Era incrivelmente bonito e vestia uma cara camisola cinzenta e calças de pregas. O homem que o seguia parecia tão perigoso como ele, mas tinha cabelos castanhos mais ou menos claros e a mulher era alta, atlética e loura. Curiosamente, a mulher era muito parecida com Patricia e Alicia.

Leo endireitou-se e um ar de autoridade instalou-se literalmente sobre os seus ombros. Já não era o patrãozinho extravagante que conhecia tão bem. Parecia-lhe agora um sensato predador.

— Susan — disse ele, apontando cada um dos três. — Apresento-te Otto Carvalleti, Kyl Poitiers e Jessica Addams.

Ela suspirou.

— Olá.

Eles não lhe responderam. Em vez disso, tomaram posições em volta dela, à maneira da máfia. Susan baixou o olhar e percebeu algo que tinham em comum com Leo... ostentavam todos a mesma tatuagem de uma teia de aranha numa mão.

Foi atravessada por um mau pressentimento. Mas não se sentia disposta a deixá-los intimidá-la. Já passara muito naquele dia, mesmo sem aquilo. Pôs-se de pé e lançou a cada um deles o seu olhar de quem não estava para aturar tretas.

— Que se passa, Leo?

Ele ignorou-a e dirigiu-se aos outros.

— Abandonem o ar de mauzões e sentem-se. Temos muito a tratar e restam apenas algumas horas antes de o Sol se pôr.

Para completo choque de Susan, os outros obedeceram-lhe. Isto era extremamente surreal e fê-la pensar num *chihuahua* a dominar uma matilha de *dobermans*.

— E ela? — Otto apontou com o queixo na direção de Susan. — Está em segurança?

Leo suspirou ao sentar-se ao lado dela.

— Lamento sinceramente que tenhas sido arrastada para isto, Susan. Nunca quis que descobrisses nada disto. Era o que tentava dizer-te quando eles apareceram. Só queria que localizasses o Anjo Negro. Devias ter continuado a viver na tua ignorância abençoada, nunca sabendo que os vampiros existem.

Caramba, estava cada vez melhor.

— Então aquelas tretas todas que escreves no jornal são verdadeiras?
— Não — respondeu Leo, para surpresa dela. — São tudo, como tu dizes, tretas. Só dirijo o jornal para garantir que nenhuma das verdades transparece. Quero dizer, enfrentemos os factos, a história «Adotei um gato que se transformou num homem na minha sala de estar» não é exatamente algo que telefonas para o *The New York Times* a contar. Telefonas para jornais como o nosso. A minha família dirige o *Inquisitor* há sessenta anos para ter as primeiras dicas de cada história que nos possa expor ao público.

De uma maneira estranha, aquilo fazia sentido, e esse facto assustou-a verdadeiramente.

— E os outros repórteres do *Inquisitor* são como tu, escondem a verdade?

— Não — respondeu ele com uma expressão franca —, são muito mais insanos. Normalmente, contrato excêntricos porque, mesmo que dessem de caras com a verdade e tentassem expô-la, ninguém acreditaria neles.

Bem, isso explicava muita coisa acerca dos seus colegas de trabalho e da sua própria posição. Explicava tanto que a magoou profundamente.

— Contrataste-me porque eu tinha perdido toda a minha credibilidade no jornalismo.

Os olhos dele fulguraram na direção dos dela.

— Não. Contratei-te porque foste um dos poucos amigos que tive na universidade. Sem a tua ajuda, nunca me teria licenciado, por isso, quando estavas em apuros, ofereci-te uma mãozinha... o facto de nunca mais ninguém te levar a sério foi um bónus adicional.

Ela lançou-lhe um olhar furioso.

— Muito obrigada, Leo.

Ele desdenhou a fúria dela com um gesto da mão tatuada.

— Não te vou mentir, Susan. Respeito-te demasiado para isso.

— Contudo, mentiste-me este tempo todo.

Leo pareceu ofendido.

— Quando? Alguma vez neguei que os vampiros eram reais?

— Disseste que eram uma treta.

— Não. Disse que as tretas pagavam o meu *Porsche*... e pagam. Sou aquele que, tanto quanto me lembro, está sempre a dizer-te para abraçares o ridículo. Para acreditar no inacreditável.

Agora que pensava nisso, ele tinha razão. Fora sempre o mesmo sermão, desde o dia em que se juntara à sua equipa. Suspirando, voltou a sentar-se.

— Porque me mandaste atrás do Ravyn, se não querias que eu descobrisse a verdade?

— Porque tinha esperança de que não fosse do Ravyn que a estudante falava. Quero dizer, enfrentemos os factos — há muitos Predadores do Homem em Seattle e, dado que eles vivem séculos, para os não informados pode parecer que são imortais. Esperava que fosses, me arranjasses um nome e uma morada, e depois, caso fosse real, eu podia limpar tudo.

— Porque não foste tu mesmo?

Ele troçou dela.

— Não sou um repórter de investigação. Tenho a subtileza de um tijolo, é por isso que sirvo para mandar os outros fazerem as coisas. Além disso, sabia que, mesmo que descobrisses a verdade e a visses com os teus próprios olhos, nunca acreditarias nela. Havias de arranjar uma maneira lógica, legítima, de explicar tudo, e então eu podia usar outras pessoas. Percebes? — ele olhou para trás dela, para os outros três, que se tinham mantido estranhamente silenciosos este tempo todo. — Agora temos um belo problema.

Ela soltou uma risada.

— *Tu* tens um problema? Experimenta pôr-te no meu lugar.

Leo esfregou nervosamente a nuca.

— Bem, o problema *és* tu, Sue.

O coração dela deixou de bater.

— Que queres dizer com isso?

— Os civis não estão autorizados a saber da nossa existência — grunhiu Otto do seu lugar em frente dela. — Nunca.

— *Hum-hum* — disse ela. — Sabes, com esse tom sinistro, devias procurar trabalho nas Finanças. Tenho a certeza de que eles estão desesperados por pessoas que possam aterrorizar os outros só com um grunhido.

Leo chegou-se para a frente na cadeira.

— Sue, não provoques a cobra. Ele costuma morder.

Pela expressão de Otto, ela podia ver que Leo não estava a brincar. Voltou a olhar para Leo no momento em que Kyl lhe dava uma pasta preta brilhante. Abriu-a por um momento, depois pousou-a na mesa.

Leo tamborilou com os dedos na pasta enquanto se dirigia a ela.

— Normalmente, recrutamos membros que tenham capacidades que nos possam ser úteis. Mas, por vezes, acontecem coisas inesperadas, como nas últimas vinte e quatro horas, onde testemunhas inocentes são apanhadas por engano. Estes enganos têm de ser corrigidos — o seu tom era fatalista e ameaçador.

Recusando-se a ser intimidada, ela cruzou os braços sobre o peito e lançou-lhe um olhar igualmente fulminante.

— E como propões corrigir-me?

— Tens uma escolha — disse Kyl finalmente. — Ou tornas-te uma de nós ou...

Ela aguardou. Ao ver que ele não terminava, lançou-lhe um olhar malicioso.

— Ou o quê? Matam-me?

Foi a mulher quem respondeu.

— Sim.

— Não — corrigiu Leo severamente. Olhou novamente para Susan. — Mas não podemos correr o risco de que nos exponhas. Compreendes?

Falaria a sério? Mas tudo o que tinha de fazer para saber a verdade era olhar para o esquadrão de mau goirol.

— É que és *tu* no meio de tudo isto, Leo? — perguntou ela, precisando de compreender completamente aquilo em que inadvertidamente fora metida. — Por que razão estes tipos — indicou os outros três que estavam à mesa com ela — te dão ouvidos?

— Porque sou o Escudeiro Regis para Seattle, desde que o meu pai se aposentou. Dirijo a secção *Theti*, o que, por defeito, me torna responsável por todas as secções de Escudeiros desta área.

— *Theti*?

— Ritos de Sangue — esclareceu Otto num tom baixo e gutural. — Também desempenhamos outras funções dos Escudeiros, mas somos nós que temos permissão para pôr em vigor os mandatos do Conselho.

— E usamos todos os meios necessários para manter o nosso mundo secreto — Kyl semicerrou significativamente os olhos para ela.

Este era, sem dúvida, o dia mais estranho de toda a sua vida, e tendo em conta que vivera algum tempo com a avó, que jurava que a sua cadela era o avô de Susan reencarnado e usava as roupas do avesso para as lâmpadas não desbotarem as cores, e com a sua colega de trabalho Joanie, que costumava colar *Post-it* sobre a gaveta da secretária para os homens pequeninos não se irem embora, isso queria dizer alguma coisa.

Eles falavam a sério quanto a matá-la.

— Então, qual é a tua decisão? — perguntou Otto. Parecia um pouco desejoso demais de que ela respondesse não.

— O quê? — perguntou, incapaz de resistir a provocar a cobra — parecia um imperativo moral. — Há muito tempo que não matam ninguém?

Com uma expressão completamente estoica, ele respondeu secamente:

— Na verdade, sim. Se isto não acabar depressa, posso perder a prática.

— Deus não o permita — disse ela com um fingido tom de temor.

Leo pigarreou, chamando a atenção dela de volta.

- Sue, preciso de uma resposta.
— Tenho mesmo uma escolha?
— Não — responderam em uníssono.
A expressão de Leo suavizou muito ligeiramente.
— Sabes demasiado acerca de nós.

Susan deixou-se ficar sentada, em silêncio, repassando os acontecimentos do dia. Era mais do que ela podia apreender. Caramba, como desejava poder, simplesmente, enlouquecer como a avó, para se livrar daquilo tudo. Mas a vida não estava a ser tão simpática com ela naquele momento. A sua sanidade estava intacta, mas não via saída possível daquela situação desagradável.

- E essa nova vida que me oferecem? Em que consiste?
Leo olhou de relance para os outros antes de responder.

— Não muito, na verdade. Fazes-nos o juramento de manter o silêncio e entras na nossa folha de pagamentos e no nosso sistema, para que possamos supervisionar-te.

As palavras, aliadas ao tom, fizeram um arrepio percorrer-lhe a espinha.

- Supervisionar-me como?

— Não é tão mau como parece — assegurou Leo. — Pomos-te uma pulseira de tempos a tempos, para verificar se não tens andado a falar com civis acerca nós. Desde que mantenas o silêncio, tens uma série de vantagens.

- Por exemplo?

Leo empurrou a pasta na direção dela.

— Aviões privados. Férias exclusivas. Um PPR e opções de bolsa que superam toda a concorrência. Financiamento para começares o teu próprio negócio, se desejares — fez uma pausa para lhe lançar um olhar severo. — E a única coisa que nunca tiveste. Uma família que estará lá sempre que precisares dela.

Esta última parte magoou-a e Leo sabia disso. O pai abandonara a mãe quando Susan tinha apenas três anos. Não tinha recordação nenhuma dele e a mãe nunca a levara a conhecer esse lado da família. Susan era filha única e a mãe era muito ligada aos pais, mas eles também tinham morrido quando Susan era pequena, e depois a mãe morrera num desastre de carro, três dias antes de ela fazer dezassete anos.

Desde então, estivera sozinha.

Uma família fora a única coisa na vida que desejara com uma paixão ardente e, tal como a sua respeitabilidade, era tão elusiva como o chifre do unicórnio. Era a única cenoura que Leo conhecia para abanar diante dela.

Suspirando, folheou a pasta e viu um contrato e uma lista de núme-

ros de telefone para diferentes tipos de serviços. Fechou-o e fitou Leo com um olhar gélido.

— Fazes isto parecer muito bonito, mas há uma coisa que já aprendi: quando as coisas parecem demasiado boas para ser verdade, é porque o são. Então, o que falta dizer?

— Não falta nada, juro — Leo fez uma cruz sobre o coração. — Podes fazer a tua vida como entenderes. Apenas vais ter conhecimento de muitas coisas de que as pessoas normais não fazem ideia.

— O inconveniente é que terás muitos mais dias como o de hoje — explicou Jessica sem emoção na voz. — Como Escudeira, os *Daemones* serão atraídos para ti e perseguir-te-ão de vez em quando.

— Mas nós vamos treinar-te — acrescentou Leo. — Não ficarás sozinha a lutar com eles.

Oh, que alegria. Quem, no seu juízo perfeito, recusaria *isto*? Foi difícil não se rir da oferta.

— É só isso?

Otto fez-lhe uma careta seca.

— Não é suficiente?

— Oh, claro — respondeu ela com uma gargalhada sem humor. — Até é demais.

Susan calou-se ao considerar tudo o que Leo lhe lançara para o colo. Mas, finalmente, sabia o que faziam...

Não tinha escolha.

Com o coração pesado, olhou para Otto.

— Parece que vou arruinar o teu dia, Grandalhão. Escolho viver a minha vida de treta mais algum tempo.

— Bolas! — Otto soltou um longo suspiro de sofrimento.

Leo pareceu aliviado.

— Bem-vinda a bordo.

Engraçado, não se sentia bem-vinda. Sentia-se doente. Uma situação que não melhorou quando Leo, depois de uma pausa, disse:

— Oh, mais uma coisa.

Susan mal podia esperar.

— Como Escudeiros, respondemos todos aos Predadores da Noite. Aos homens e mulheres como o Ravyn e, em particular ao seu líder, Acheron. Em essência, somos seus servos, ajudamo-los e guardamo-los do público.

Ela abriu muito os olhos, simulando felicidade.

— Oh, maravilha das maravilhas, senhor Leo. Também podem arrancar-me os olhos?

Otto riu com vontade.

— Sabes, acho que vou gostar de ti a sério.

Bem, pelo menos a cascavel achava-lhe graça. Leo, por outro lado, não parecia nada divertido, abanando a cabeça para Kyl e Jessica.

Acalmando-se, Susan pegou na pasta e tentou cuidar da sua maior preocupação, agora que a morte certa às mãos de Otto fora evitada.

— Então, o que me acontece agora? Como é que me vão esconder enquanto a polícia me procura?

— Nós tratamos disso — disse Jessica. — A polícia é o menor dos nossos problemas. Quem lhes puxa os cordelinhos é que nos preocupa.

— O comissário? — sugeriu Susan.

Kyl revirou os olhos.

— Pensa fora dos parâmetros humanos.

Ela deitou-lhe um olhar curioso.

— Sim, mas se há uma operação encoberta, alguém da polícia deve estar a ajudar, não é?

— Sim — concordou Leo com esforço —, mas neste momento isso não importa muito. O que precisamos é de saber quem está atrás de nós. Se forem capazes de apanhar um Predador da Noite, não passaremos de comida para eles.

— Fala por ti — disse Jessica com um ar de suficiência. — Garanto-te que não estou no fundo desta cadeia alimentar.

Otto desdenhou da sua bravata.

— Deixa-te disso, Jess. Quando eu e o Kyl estávamos em Nova Orleães, há um ano, houve uma grande rebelião de *Daemones*, dirigida por um *Spathi* chamado Stryker.

Susan franziu o sobrolho ao termo desconhecido.

— *Spathi*?

— Uma classe especial de guerreiros *Daemones* velhos — explicou Kyl. — Muito, *muito* velhos. São muito mais fortes que os *Daemones* típicos que andam por aí à procura de um alvo fácil para sugarem.

— Pois — concordou Otto. — Estes, normalmente, têm um sério problema a resolver com os bonzinhos e os humanos. No ano passado, perdemos para eles uma série de Predadores da Noite, no norte do Mississípi e em Nova Orleães. A última coisa que quero é perder mais.

Kyl virou-se para Otto.

— Achas que devemos contactar o Kyros ou o Rafael, para ver se nos podem ajudar? Estão muito mais próximos dos *Spathis* do que qualquer outra pessoa e, ao contrário da Danger, da Euphemia, do Marco e dos outros, sobreviveram de facto ao recontro. Talvez se lembrem de alguma coisa que ajude a expor uma fraqueza que possamos explorar.

Otto fez um sinal de concordância.

— Boa ideia.

— Eu ligo-lhes — ofereceu-se Jessica.

— E eu ligo ao Kyrian — ofereceu-se Kyl. — Algum de vocês sabe onde ele está agora?

— Nunca saiu de Nova Orleães. Nenhum dos Predadores da Noite, atuais ou anteriores, foi evacuado por causa do Katrina. Mandaram sair as famílias, mas eles ficaram para ajudar. A última coisa que ouvi foi que até a Amanda e os miúdos ficaram para trás — respondeu Otto.

— Ótimo. Nesse caso, vou ligar-lhe e ver se sabe alguma coisa mais concreta acerca de Stryker e dos outros.

— E o Ash? — perguntou Leo.

Jessica abanou a cabeça.

— Está Desaparecido Em Combate há alguns dias. Ouvi dizer que estava na Austrália.

Sabem, pensou Susan ironicamente, *ajudava muito se eu fizesse ideia de quem e de quem estão a falar*. Mas eles estavam tão absorvidos que não os quis interromper. Além disso, aquilo que discutiam parecia ser muito mais importante do que a sua ignorância e, sem dúvida, se sobrevivesse, em breve começaria a perceber tudo.

Leo soltou um suspiro frustrado, como se estivesse demasiado cansado. Virou-se para Susan.

— A propósito, conseguiste descobrir alguma coisa acerca do Anjo Negro antes disto tudo?

— Sim. É uma ranhosa arrogante.

Leo ficou desconfortável com a descrição dela.

— Caramba, é mesmo a Erika.

Otto franziu o sobrolho.

— Estão a falar de quê?

Leo soltou outro suspiro cansado.

— Alguém daqui tem escrito num blogue que trabalha para um guerreiro metamorfo imortal, que caça vampiros. Mandei a Sue investigá-la.

Otto mostrou-se ainda mais perplexo.

— A Erika não é uma Escudeira.

— Tecnicamente não — respondeu Leo. — Mas enquanto o pai dela estiver em lua de mel, ela está a substituí-lo e a fazer recados ao Ravyn.

— Bem, se achas mesmo que é a Erika, porque não mandas o Tad localizar a origem do blogue?

Leo inclinou a cabeça de uma maneira ofendida.

— Porque isso implicaria que eu falasse com o Tad agora, não era?

— Pois, e daí?

Pigarreando, Leo ficou amuado. Num tom baixo, quase embaraçado, disse:

— Devo-lhe dinheiro.
Otto deitou-lhe um olhar curioso.
— Que tem isso que ver com o resto?
Leo semicerrou os olhos.
— Devo-lhe *muito* dinheiro.
— Santo Deus, Leo — disse Kyl irritadamente. — Considerando tudo o que tens, quanto podes estar a dever-lhe?
— Tudo, e isto significa mesmo tudo. Caramba, até lhe devo o *Porsche*.
Otto ficou de queixos caídos.
— Estás a pôr-nos em perigo por causa de dívidas? Deves estar a brincar comigo.
— Tenho ar de estar a brincar? — não, ele parecia completamente chateado. — Além disso, a culpa não é minha. Ele faz batota a jogar às cartas.
Kyl emitiu um som de repugnância.
— Tens andado a jogar póquer com ele? Estás maluco? O cérebro do homem funciona como um computador.
— E é a mim que o dizes?
Otto ignorou a sua explosão.
— E por causa disso metes uma civil num caso que devia ter sido entregue a um de nós? Bolas, homem, o que é que tens na cabeça?
Leo pôs-se de pé.
— Para de me chatear, Otto. O encarregado de Seattle sou eu.
Otto sentou-se com os braços dobrados em frente do peito, numa atitude que demonstrava não responder perante mais ninguém.
— Não, se eu te matar pela tua incompetência.
Jessica esboçou um sorriso malévolos.
— Precisas que fechemos os olhos?
Leo semicerrou os olhos para ela.
— Engraçadinha. Mas isso não muda o facto de ainda precisarmos de descobrir definitivamente se o Anjo Negro é a Erika. Se não for, temos de saber se é outro de nós ou só um lunático local.
Otto abanou a cabeça com repugnância.
— Eu vou verificar isso.
Leo não parecia muito convencido de que Otto pudesse tratar do assunto.
— Que vais fazer, Otto?
— O que tu devias ter feito. Vou perguntar-lhe.
Leo riu-se.
— Não a conheces, pois não?

— Não, porquê?
Ele riu ainda mais.
— Leva uns protetores genitais em Teflon — disse Jessica muito baixinho.
Otto revirou os olhos.
— Oh, por favor.
— Por favor, nada — disse Leo. — Ela é uma piranha viciosa. Parece muito gira e amorosa, depois abre aquela boca e solta tanto veneno que podia representar o papel de um ninho de escorpiões.
Otto continuava a não se mostrar nada intimidado.
— Acho que sou capaz de lidar com ela.
Leo olhou de relance para Kyl.
— Faz também um telefonema para a florista, que enviem flores para o hospital ou para a sala funerária.
Otto abanou a cabeça antes de se pôr de pé.
— Parece que todos temos as nossas guias de marcha. Devemos voltar a reunir esta noite?
Leo fez que sim com a cabeça.
— Oito e meia. Estejam aqui.
Susan levantou-se para sair com os outros, mas Leo deteve-a.
— Vou pedir à Patricia um manual para ti. Além disso, vais ficar aqui fechada um bocado.
— Está bem.
O olhar dela desceu até à mão onde ele tinha a tatuagem.
— Também tenho de fazer uma coisa dessas?
Ele riu desdenhosamente.
— Não — fletiu a mão. — São usadas unicamente para os Ritos de Sangue.
— São como uma edição especial?
— Dificilmente.
Ela continuava a não acreditar naquilo. Curiosamente, era mais fácil aceitar a história dos vampiros do que acreditar que Leo podia fazer mal a alguém.
— Logo tu, que me chamas ao teu gabinete para matar aranhas porque és muito impressionável?
— Isso é diferente — disse ele, à defesa. — São repugnantes.
— E ainda esperas que acredite que és capaz de matar um ser humano? Os olhos dele ficaram negros e severos.
— Fiz um juramento há muito tempo, Susan, e cumpri-lo-ei. Custe o que custar. Aquilo com que lidamos é maior do que aranhas. É maior do que tu e eu.

Pela primeira vez, ela viu o homem por trás do amigo provocador que conhecia há tantos anos. E, na verdade, sentia falta do rapaz obsessivo e adulator de quem se tornara amiga na universidade.

— Sabes o que quero, Leo?

— A tua vida de volta.

Ela anuiu.

— Preciso mesmo de uma segunda oportunidade em relação a este dia. Já agora, também me dava jeito para os últimos cinco anos.

— Eu sei — deu-lhe um abraço gentil. — Mas vai correr tudo bem, Sue, prometo. Tomamos conta dos nossos e tu estás aqui connosco. Não te preocupes. Estás segura.

STRYKER pôs-se de pé, percorrido por uma raiva tão crua, tão poderosa, que não tinha a certeza se era capaz de se controlar.

— O Kontis fez o quê? — perguntou num tom baixo e calmo que ocultava a sua disposição turbulenta.

— Ele fugiu-nos, senhor — explicou o veterinário *Appolite*, Theo, recolhido diante do trono de Stryker em Kalosis. Usando uma bata de laboratório azul, salpicada de sangue, o meio *Appolite* devia diverti-lo, mas não havia nada de divertido nas notícias dele.

Stryker encontrou o olhar enojado de Satara antes de voltar a semi-cerrar os olhos para o verme que se atrevia a dar-lhe tais notícias.

— Eu disse-te, Theo, que apenas tinhas uma coisa a fazer. Mantê-lo numa jaula até eu chegar.

Engolindo em seco, Theo torceu as mãos.

— Eu sei, e fiz aquilo que me ordenou. Juro. Não o tirei da jaula uma única vez. Só nos queríamos divertir um bocadinho com ele antes de os seus *Spathis* o matarem — olhou para cima, com olhos implorantes. — Foi o humano que trabalha comigo que o levou, enquanto eu falava consigo ao telefone. Quando dei por isso, já tinha partido.

O idiota acreditaria honestamente que, por indiciar um humano como cúmplice, ia ter um atenuante? Aquelas ferramentas estúpidas tornavam-se mais cretinas de ano para ano.

Stryker fez beicinho.

— Onde está o Kontis agora?

— Foi levado para casa por outra humana. A veterinária que matámos disse que se chama Susan Michaels. Temos uma equipa de humanos no terreno, à procura dos dois.

Stryker cerrou os dentes, vendo todos os seus sonhos de transformar facilmente Seattle numa base ruírem à sua volta. Nesta altura, sem dúvida, Kontis já avisara todos os outros Predadores da Noite de Seattle. Estariam

todos em alerta vermelho. Acabara-se o elemento-surpresa. A tarefa agora seria mil vezes mais difícil.

Queria sangue em troca daquilo.

— Tens alguma ideia do que isto significa, Theo?

— Tenho, mas ainda nos resta muita luz do dia para o apanharmos antes de ele contactar os outros.

Stryker troçou dele. Sabia que não era assim. Ravyn era como ele — um sobrevivente. Se queriam tomar a cidade, tinham de agir rapidamente.

Virou-se para a irmã.

— Reúne Trates e os *Illuminati*.

— Planeia caçar? — perguntou Theo, os olhos chispando um certo grau de alívio e esperança.

— Sim — respondeu Stryker lentamente.

— Ótimo. Vou preparar a minha equipa.

— Não te incomodes, Theo.

O seu nervosismo voltou, dez vezes aumentado.

— Meu senhor?

Stryker aproximou-se dele, lenta e metodicamente. Estendeu a mão e cobriu-lhe a bochecha. Era macia e mole, como as de todos eles. Perfeita. Era a beleza de nunca envelhecer.

Theo podia ser estúpido, mas era tão belo como os anjos em que muitos humanos acreditavam.

— Há quanto tempo me serves, Theo?

— Quase oito anos.

Stryker sorriu-lhe.

— Oito anos. E em todo esse tempo, diz-me, o que aprendeste sobre mim?

Sentia o homem tremer enquanto respondia. O odor do medo e da transpiração suspendia-se pesadamente no ar — pelos deuses, como ele adorava aquele cheiro. Era como um afrodisíaco.

— O senhor é o rei dos *Daemones*. A nossa única esperança.

— Sim — acariciou a bochecha de Theo. — Mais alguma coisa?

Theo olhou nervosamente para Satara antes de franzir o sobrolho para Stryker.

— Não compreendo o que quer dizer.

Ele mergulhou a mão nos cabelos louros de Theo e fechou o punho com força em torno das madeixas, de modo que o meio *Appolite* não lhe podia escapar.

— A única coisa que devias ter aprendido, Theo, é que eu não aceito qualquer espécie de fracasso. O teu primeiro erro foi deixar fugir o Preda-

dor da Noite. O segundo, foi seres suficientemente estúpido para mo vires contar.

Theo tentou libertar-se, mas Stryker manteve-o no mesmo lugar.

— Por favor, meu senhor, tenha misericórdia. Eu consigo encontrá-lo. Consigo!

Stryker sorriu aos seus patéticos gritos de clemência.

— Também eu. De facto, tenciono encontrar mais do que o Ravyn. Assim que a noite chegar, tenciono caçar e alimentar-me à minha vontade. Mas não será humano — lambeu os lábios, observando a veia latejante na garganta de Theo. — Esta noite, terei um festim de sangue e carne *Appolite*... Tu e toda a tua família.

Antes de o homem poder voltar a falar, Stryker afundou-lhe os dentes no pescoço, arrancando-lhe a carótida e bebendo o seu conteúdo.

Theo lutou apenas um segundo antes de a morte o reclamar.

Stryker deixou o corpo flácido de Theo cair a seus pés antes de limpar o sangue da boca com as costas da mão.

— Não lhe tiraste a alma? — perguntou Satara, incrédula.

— Para quê? — replicou Stryker desdenhosamente. — Ele era demasiado fraco até para me abrir o apetite.

— Qual é o teu plano?

Stryker desceu os degraus do estrado e aproximou-se da meia-irmã.

— Derrubar os canalhas. O Ravyn tem um Escudeiro, não tem?

Ela confirmou.

— Assustemos o Escudeiro e ele, ou ela, levar-nos-á diretamente ao Ravyn.

— Como faremos isso?

— Simples, doce Satara. Tu não és uma *Daemon*. Podes entrar em casa de Ravyn e depois convidar-nos. Trates e os outros irão procurar o Escudeiro e este correrá para obter a proteção de Ravyn.

Satara considerou a ideia por um momento.

— E se estiveres errado? O Escudeiro pode procurar outros da sua espécie.

Stryker encolheu os ombros despreocupadamente.

— Nesse caso, comemos a nossa dose de Escudeiros. Correndo pelo melhor, assustará os outros humanos que servem os Predadores da Noite e será um golpe emocional. Correndo pelo pior, teremos uma dor de estômago por causa do sangue.